



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

BRAGA

Comportamentos de Risco Online: Relação com as
Dependências com Substâncias, a Impulsividade e o Suporte
Social

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia
Clínica e da Saúde**.

Cláudia Manuela Rocha Henriques

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

JANEIRO 2024



CATÓLICA

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

BRAGA

Comportamentos de Risco Online: Relação com as Dependências com Substâncias, a Impulsividade e o Suporte Social

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre em **Psicologia Clínica e da Saúde**.

Cláudia Manuela Rocha Henriques

Sob a Orientação do Prof. Doutor Paulo César Azevedo Dias
Co-Orientação da Prof.^a Doutora Diana Patrícia Da Silva Dias Moreira

Agradecimentos

Finda esta longa caminhada, a presente dissertação de mestrado é o culminar de um longo percurso académico, composto por inúmeros e diversos obstáculos, pautado por alegrias e tristezas, desilusões e vitórias, que me permitiram não só concluir o curso, como desenvolver-me numa pessoa mais resiliente e capacitada. Deste modo, apesar de a maioria do processo ser individual, não posso deixar de agradecer às pessoas que sempre me apoiaram ao longo desta caminhada.

Em primeiro lugar, agradeço à minha família. Obrigada mãe, irmã, avó e pai pelo vosso incansável apoio, amor e carinho incondicional ao longo destes cinco longos anos. Agradeço em especial ao meu Daniel, pelas constantes palavras de encorajamento, pelo colo amigo que tantas vezes me acolheu quando as coisas não seguiram o rumo expectável e, principalmente, por nunca me ter deixado desistir. Obrigada a eles, por me darem colo todos as vezes que necessitei ao longo deste processo, por ouvirem as minhas frustrações e festejarem comigo as minhas conquistas. Sem o vosso apoio a realização desta dissertação não seria possível.

Agradeço também aos amigos, colegas e tantos outros que me ajudaram dia após dia. Agradeço em especial à minha Martina, companheira de todas as horas, sem ti o percurso académico não teria sido o mesmo.

Quero também agradecer ao Dr. Paulo Dias por me ter acolhido e orientado ao longo deste processo. Obrigada por estar sempre disposto para tirar dúvidas e, especialmente, por me desafiar e tirar da minha zona de conforto.

Em especial, agradeço do fundo do meu coração à Dra. Diana Moreira, pela sua imediata disponibilidade de orientação, pelas suas palavras de coragem e pela imensa força transmitida. Obrigada por me acolher nesta fase final, onde as dúvidas e as inseguranças prevaleciam e conseguir através do seu profissionalismo me transmitir a paz e segurança que eu tanto precisava.

Por fim quero agradecer a todos os participantes deste estudo, sem eles não seria possível concluir esta etapa.

Este foi sem dúvida um processo pautado por altos e baixos, por alegrias e desânimos, mas, acima de tudo, foi uma caminhada muito especial e gratificante.

Resumo

A presente dissertação pretende investigar a relação entre os comportamentos de risco online em consequência da presença de dependências com substância, nomeadamente, álcool e drogas, de modo a compreender também o impacto do apoio social e da impulsividade, em jovens adultos. Pretende-se estudar ainda estas variáveis em função das características sociodemográficas como o género, a idade e a escolaridade. Desta forma, para proceder à recolha dos dados, foi utilizado um questionário sociodemográfico construído para o efeito. Para avaliar os comportamentos de risco online, foi feita adaptação da Escala de Comportamentos de Risco Online (ECRO). Foi também utilizado o ESPAD, com o intuito de estimar o padrão de consumo de substâncias dos participantes. De modo a avaliar o suporte social, foi utilizada a Escala de Satisfação com o Suporte Social, construída por Ribeiro e, por último, com o intuito de medir a impulsividade, a *Impulsivity Scale* (SUPSS-P). A amostra do estudo é constituída por 212 jovens adultos portugueses, com idades entre os 18 e os 30 anos ($M = 24.15$, $DP = 3.32$), maioritariamente do género feminino (58%), de nacionalidade portuguesa (91.0 %), solteiros (90.6%), de várias regiões do país, de modo a compreender os padrões de comportamento de risco online, em função do abuso de substâncias, falta de apoio social e fatores psicológicos como a impulsividade. Os resultados do presente estudo sugerem relações e modelos estatisticamente significativas entre os comportamentos de risco online, o consumo de substâncias, a impulsividade e o suporte social. Relativamente aos consumos de substâncias e comportamentos de risco online é possível também compreender que é o género masculino quem mais apresenta comportamentos de dependência. Contudo são as mulheres que apresentam mais comportamentos impulsivos e, ainda, menor perceção de suporte social.

Face a estes resultados torna-se pertinente desenvolver mais estudos que correlacionem estes construtos com diferentes populações, devido à pertinência de sensibilizar a população mais jovens para os potenciais riscos das adições.

Palavras-Chave: Comportamentos de risco online, Dependências online, Dependências de substâncias, Suporte social, Impulsividade.

Abstract

This dissertation aims to investigate the relationship between online risk behaviors because of the presence of dependence on substances, namely alcohol and drugs, in order to also understand the impact of social support and impulsivity in young adults. It is also intended to study these variables according to sociodemographic characteristics such as gender, age and schooling. Thus, to collect the data, a socio-demographic questionnaire constructed for this purpose. To assess online risk behaviors, an adaptation of the Online Risk Behavior Scale (ECRO) was made. Espad will also be used to estimate the pattern of substance consumption of the participants. To evaluate social support, the Social Support Satisfaction Scale, built by Ribeiro and, finally, to measure impulsivity, the *Impulsivity Scale* (SUPSS-P) will be used. The study sample consists of 212 young Portuguese adults, aged between 18 and 30 years ($M = 24.15$, $SD = 3.32$), mostly female (58%), of Portuguese nationality (91, 0%), single (90.6%), from various regions of the country, in order to understand patterns of online risk behavior, due to substance abuse, lack of social support and psychological factors such as impulsivity. The present study suggests statistically significant relationships and models between online risk behaviors, substance use, impulsivity and social support. Regarding substance use and risky behavior online, it is also possible to understand that it is the male gender that presents the most addictive behaviors. However, it is women who present more impulsive behaviors and, even, a lower perception of social support.

In view of these results, it is important to develop more studies that correlate these constructions with different situations, due to the relevance of raising awareness among the younger population about the potential risks of addictions.

Keywords: Online risk behaviors, Online addictions, Substance addictions, Social support, Impulsivity.

Índice

Agradecimentos.....	3
Resumo.....	4
Abstract	5
Introdução	9
Enquadramento Teórico	11
Conceito de Dependência.....	11
Dependências Sem Substâncias	12
Dependência da Internet e Comportamentos de Risco Online	13
Dependências a Substâncias Lícitas e Fatores Associados	16
Dependências com Substâncias: Substâncias Ilícitas e Fatores Associados	17
Dependências Com e Sem Substâncias: O Efeito da Impulsividade	19
Dependências Com e Sem Substâncias: O Papel do Suporte Social	21
Estudo Empírico.....	22
Objetivos	23
Hipóteses e Questões de Investigação.....	23
Participantes	24
Descrição da Amostra em Função dos Consumos	25
Consumo de Álcool	25
Consumo de Tabaco	25
Consumo de Cocaína	26
Consumo de Canábis	26
Instrumentos.....	26
Questionário Sociodemográfico	26
<i>European School Survey Project on Alcohol and other Drugs (ESPAD)</i>	26
Escala de Comportamentos de Risco Online (ECRO)	27
Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS)	28

<i>Impulsivity Scale (SUPSS-P)</i>	29
Procedimento.....	30
Resultados	31
Comportamentos de Risco Online e Dados Sociodemográficos.....	31
Comportamentos de Risco Online e Idade	31
Comportamentos de Risco Online e Género	31
Consumo de Substâncias e Dados Sociodemográficos	32
Consumo de Substâncias e Idade	32
Consumo de Substâncias e Género	32
Suporte Social e Dados Sociodemográficos	32
Suporte Social e Idade	32
Suporte Social e Género	33
Impulsividade e Dados Sociodemográficos	33
Impulsividade e Idade	33
Impulsividade e Género.....	33
Relação entre as Variáveis em Estudo	34
Relação entre Comportamentos de Risco Online e Suporte Social.....	34
Relação entre Comportamentos de Risco Online e Impulsividade	35
Relação entre Suporte Social e Impulsividade	36
Comportamentos de Risco Online e Consumo de Substâncias.....	36
Impulsividade e Consumo de Substâncias	37
Suporte Social e Consumo de Substâncias.....	38
Discussão.....	39
Conclusão	44
Referências Bibliográficas	46
Anexos.....	69
Anexo A – Questionário sociodemográfico	70

Anexo B – Consentimento Informado	71
Anexo C – Cronograma.....	72

Introdução

Atualmente, utilizar a internet, estar online, navegar, conversar no *messenger*, seguir, criar blogues e contas nas diversas redes sociais, são algumas das atividades que integram o cotidiano da maioria dos jovens adultos. Fruto das alterações na área tecnológica, da diminuição do preço dos equipamentos e serviços e um papel cada vez mais central do uso da internet na vida dos indivíduos, observa-se uma mudança no panorama das práticas online (Cardoso, 2012), permitindo que com a utilização do telemóvel se desempenhem a maioria das tarefas dos tradicionais computadores, tornando a internet sempre presente no dia a dia (Matos et al., 2019). Assim, a internet entrou nas nossas vidas abrangendo diversos contextos, desde o lazer aos cuidados de saúde, à comunicação profissional e privada e às redes sociais acarretando, conseqüentemente, diversos riscos (Matos et al., 2019).

Deste modo, com o desenvolvimento das tecnologias e crescentes consumos online, a *American Psychiatric Association* (APA, 2014) e a *International Classification of Diseases* (CID-11) [OMS, 2019], têm discutido a inclusão de um novo diagnóstico, nomeadamente, perturbação relacionada com o uso da internet, dado que as dependências comportamentais, com a exceção do jogo patológico, ainda não são consideradas patologias (Jo et al., 2019; Moral & Suárez, 2016; Pérez et al., 2017). Devido à falta de um quadro teórico bem delineado, desta possível expansão da conceptualização das dependências comportamentais, crescem conseqüências, como por exemplo, o risco de patologizar comportamentos comuns (Kardefelt-Winther et al., 2017).

Tal como as dependências comportamentais, o consumo de substâncias, especialmente o de bebidas alcoólicas, está fortemente enraizado no quotidiano e nas práticas culturais dos portugueses, verificando-se uma elevada prevalência de consumos transversais a diversas classes sociais e grupos etários, pautado pela regularidade e baixa intensidade (SICAD, 2022). Estatisticamente, de acordo com a sinopse do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD, 2022) na população com idades compreendidas entre os 15 e os 74 anos, em cada 10 portugueses nove já beberam álcool na vida, seis beberam no último ano e cinco nos últimos 30 dias (Balsa et al., 2018). Entre os mais jovens verificam-se também prevalências elevadas (Carapinha & Calado, 2018; Lavado & Calado, 2019), ainda que tendencialmente inferiores à média europeia (RARHA, 2016; SICAD, 2020a; 2021; 2022). Cerca de 1 em cada 100 portugueses (0.8%) desenvolve um quadro de dependência alcoólica, proporção que praticamente triplicou nos últimos quatro anos (Balsas et al., 2018).

No que concerne ao quadro das substâncias ilícitas, a canábica tem sido particularmente

alvo de discussão nos últimos anos, com reflexão dos benefícios e prejuízos do seu consumo, quer na saúde, como também a nível social e económico. Dados recolhidos em 2017, indicam que 1 em cada 10 portugueses, com idades compreendidas entre os 15 e os 74 anos, já consumiu canábis pelo menos uma vez na vida (SICAD, 2022). No total da população portuguesa, estima-se que a prevalência de consumo diário seja de 2.6%, percentagem que tem aumentado (SICAD, 2020b). O consumo recente de canábis é mais comum entre os mais jovens (Balsa et al., 2018; Carapinha & Calado, 2020; Lavado & Calado, 2019), com propensão de crescimento do mesmo entre as raparigas e os estudantes universitários.

Relativamente ao consumo de estimulantes, a cocaína é a segunda substância ilícita mais consumida em Portugal, embora o número de consumidores seja bastante inferior ao de canábis (SICAD, 2022). As estatísticas demonstram que 1 em cada 100 portugueses já consumiu cocaína pelo menos uma vez na vida. Por sua vez, 0.2% consumiu recentemente, destacando-se o grupo dos 25-34 anos com a maior prevalência de consumo (0.5%) (SICAD, 2022). Ademais, o *ecstasy* é a terceira substância ilícita preferencialmente consumida, da qual 0.6% dos portugueses já consumiram pelo menos uma vez na sua vida e 0.1% nos últimos 12 meses. Este consumo é mais comum entre os jovens (15-24 anos) e rapazes (Balsa et al., 2018). Esta substância é, ainda, a segunda mais consumida pelos estudantes de idades entre os 16 e os 18 anos, embora também com valores bastante inferiores à canábis (SICAD, 2022).

Vários estudos têm sido realizados com o intuito de caracterizar este fenómeno, quer a nível social, quer psicológico. Neste seguimento, no final do século XX assistiu-se ao crescente interesse no estudo da impulsividade, devido a acontecimentos em que o risco deste comportamento era evidente, não só para o indivíduo, mas também para a comunidade. Esta tendência para agir precipitadamente (característica chave) está associada a uma ampla gama de dependências com e sem substâncias (Kim & Hodgins, 2018). Também a falta de apoio social se tem demonstrado desencadeadora de perturbações derivadas ao uso de substâncias, como o álcool (McCrary et al., 2006) e uma variedade de dependências comportamentais (Petry & Weiss, 2009; Wartberg et al., 2017).

Deste modo, o objetivo desta dissertação é compreender a relação dos comportamentos de risco online em função das dependências com substâncias, suporte social e impulsividade. Esta dissertação encontra-se organizada essencialmente em quatro partes. A primeira parte diz respeito à revisão da literatura sobre as variáveis em estudo, na qual se destacam as relações entre as mesmas, clarificando a pertinência do estudo. A segunda é constituída pelo método, no qual se descrevem os objetivos, as hipóteses, o desenho da investigação, a amostra, os instrumentos aplicados e os procedimentos de recolha e análise dos dados. Em seguida,

apresentam-se os resultados, e, na última parte, são discutidos os mesmos, bem como as limitações e contribuições deste estudo para a teoria e para prática, apresentando-se ainda sugestões para estudos futuros.

Enquadramento Teórico

Conceito de Dependência

Em 1964, a Organização Mundial de Saúde (OMS) substituiu o diagnóstico de “vício”, utilizado até à data, por dependência, por compreender ser um termo mais apropriado (Berridge & Mars, 2004), uma vez que este é menos estigmatizado socialmente (O’Brien et al., 2006). A dependência pode ser definida como a adaptação fisiológica da ingestão contínua de uma determinada substância, podendo o indivíduo desenvolver tolerância e, necessitando conseqüentemente, de uma maior quantidade, da mesma substância, com o intuito de atingir o resultado pretendido (Kuss, 2012). Assim, o conceito de dependência ampliou o seu significado, não se referindo apenas a processos fisiológicos relacionados ao uso indevido de substâncias, assumindo-se também com uma síndrome biopsicossocial, mais elaborada e com semelhanças em distintos comportamentos (Sussman et al., 2011).

Embora existam semelhanças entre os vícios comportamentais e de substâncias, também existem diferenças neurológicas importantes como, por exemplo, o papel dos neurotransmissores, nomeadamente da dopamina, dado que este é menos claro quando se trata de vícios comportamentais (Potenza, 2018). Assim, o envolvimento contínuo nas dependências com e sem substâncias está associado a alterações cerebrais a nível estrutural e funcional (Billieux et al., 2015; Luijten et al., 2017; Yoon, 2017). Várias dependências, associadas a substâncias e comportamentos, estão intrinsecamente relacionadas em termos de etiologia, padrões de comportamento e conseqüências (Shaffer et al., 2004). Desta forma, as dependências comportamentais reproduzem, a vários níveis, as características e as implicações das perturbações do uso de substâncias (Diana, 2011; Kim & Hodgins, 2018).

De acordo com as evidências científicas que assemelham as dependências de substâncias e comportamentais, Shaffer e colaboradores (2004) desenvolveram um modelo de síndrome da dependência englobando as duas dependências, argumentando que estas compartilham os mesmos precursores neurobiológicos e psicossociais, que aumentam a vulnerabilidade para a psicopatologia. Este modelo distingue também os antecedentes de uma adição, das suas expressões e manifestações (Shaffer et al., 2004).

Também Griffiths (2005) propôs um modelo de componentes da dependência, compreendendo elementos fundamentais da teoria, processos etiológicos e as características da adição comportamental, raramente investigados neste âmbito. Este modelo é o mais

utilizado na compreensão das dependências comportamentais, sendo o ponto de partida para a construção de diversos instrumentos, com o intuito de avaliar o risco de desenvolver diferentes adições comportamentais como, por exemplo, às tecnologias (Andreassen et al., 2016), ao Facebook (Andreassen & Pallesen, 2013), ao YouTube (Balakrishnan & Griffiths, 2017), entre outros. Como já supracitado, a dependência com substâncias tem crescido exponencialmente nas últimas décadas por todo o mundo. Contudo, atualmente tem-se verificado uma crescente preocupação com as novas tecnologias e as novas dependências associadas a estas.

Dependências Sem Substâncias

Nas últimas décadas tem-se assistido a um crescimento notável nas investigações relativas às dependências sem substâncias, nomeadamente as comportamentais (Kim & Hodgins, 2018). São vários os comportamentos que podem ser tão recompensadores quanto o prazer causado por substâncias e, por isso, podem-se tornar aditivos, quando repetidos, apesar das suas consequências adversas. O conceito de dependências ou adições comportamentais é ainda muito controverso e, embora muitos investigadores não concordem, algumas dependências comportamentais, como o jogo patológico, a adição à internet e às redes sociais, têm sido comparadas do ponto de vista clínico às dependências químicas (Grant et al., 2010; Karin & Chaudhri, 2012; Kuss & Griffiths, 2017; Rosenberg & Feder, 2014; Starcevic & Aboujaoude, 2017).

Deste modo, apesar das semelhanças entre as dependências com e sem substâncias, há um debate na literatura sobre a classificação das dependências comportamentais como “novas” perturbações (Billieux et al., 2015), dado que alguns autores conceituam o uso problemático da internet como uma patologia, associada às adições comportamentais (Carbonell et al., 2012; García del Castillo, 2016; Potenza, 2006; Vivas & Torres, 2011; Young, 1998), enquanto outros descrevem-na como um problema relacionado com hábitos e autorregulação, num paradigma cognitivo-comportamental (Pontes et al., 2016). Devido à grande discussão sobre o tema, diversos autores não concordam com a formulação de uma nova categoria que inclua a adição às novas tecnologias, devido à falta de dados científicos (Carbonell et al., 2012; García del Castillo, 2013) e à não adequação do diagnóstico quando associado aos resultados negativos (Mendes & Silva, 2017; Starcevic & Aboujaoude, 2017).

No entanto, o que é notável ao examinar a relação entre perturbações aditivas, incluindo as dependências comportamentais e de substâncias, são as semelhanças e não as diferenças (Kim & Hodgins, 2018), dada a existência de uma sobreposição considerável na etiologia (início, curso), fenomenologia (desejos, pré-ocupações) e apresentações clínicas

(estratégias de tratamento, comorbidades) nos comportamentos aditivos (Grant & Potenza, 2010; Kim & Hodgins, 2018). Estes tendem também a partilhar fatores de risco semelhantes, nomeadamente, experiências de infância adversas, como abuso físico e emocional, associado ao aumento do risco de desenvolver uma variedade de dependências com e sem substâncias (Kim & Hodgins, 2018; Thege et al., 2017).

O aspeto comportamental essencial de um comportamento aditivo é a perda de controlo ou a incapacidade de resistir a um impulso comportamental (Rosenberg & Feder, 2014). O padrão de envolvimento contínuo neste comportamento acaba por interferir no funcionamento do indivíduo em outros domínios da sua vida, característica idêntica às dependências químicas (Rosenberg & Feder, 2014). Outras semelhanças entre dependências comportamentais e químicas incluem sentimentos de tensão ou ativação mental, antes da execução do ato e prazer, gratificação ou alívio após executá-lo (Grant et al., 2010; Karin & Chaudhri, 2012; Rosenberg & Feder, 2014).

Dependência da Internet e Comportamentos de Risco Online

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (2020), Portugal tem seguido a tendência da União Europeia nos últimos 10 anos quanto ao uso da internet, no sentido de este ser progressivamente mais comum na população. Sabe-se que o número de utilizadores regulares de internet é de aproximadamente 4.021 milhões e 3.196 milhões nas redes sociais (Azizi et al., 2019). Atualmente oito em cada 10 agregados familiares têm ligação à internet em casa. A crescente popularidade e diversidade da internet desencadeou-o e, conseqüentemente, investigações sobre o seu uso problemático, com enfoque na população adolescente e jovens adultos foi emergindo (Valkenburg & Peter, 2009).

A dependência da internet ainda não é reconhecida como uma perturbação. Contudo, devido aos problemas relacionais, ocupacionais e sociais que tem causado esta tem sido amplamente investigada nas últimas décadas (Alimoradi et al., 2019; Tran et al., 2017). Particularmente, os adolescentes e jovens adultos foram documentados como altamente vulneráveis a esta dependência devido às características psicológicas e de desenvolvimento (Xin et al., 2018). A adição às redes sociais é considerada um subtipo de dependência da internet, dado que compartilham características (Estrada & Galegos, 2020). Esta dependência é caracterizada por uma preocupação mental e grande despendimento de tempo nas redes sociais, o que, conseqüentemente, afeta outras atividades quotidianas (Azizi et al., 2019). Está também associada a problemas psicossociais, como perturbações de personalidade e diminuição de competências sociais (Arrivilga et al., 2020). Há um número crescente de pessoas que sofrem conseqüências negativas devido ao uso indevido das redes sociais (Hussan et al., 2020) e

ficam vulneráveis a diversos fatores de risco como, por exemplo, pessoais, familiares ou sociais e a supervisão inadequada que afeta a saúde e a integridade do usuário (Lachuman, 2020), podendo ameaçar a saúde psicológica do mesmo (Carras et al., 2017). Contudo, apesar deste crescente exponencial uso da internet, fruto de investigações, sabe-se que apenas uma minoria da população que a utiliza desadequadamente desenvolve dependência e potencializa riscos a esta associada (Fernandes et al, 2019; Pontes et al., 2016).

Embora ainda não conceptualizada, a adição à internet, nos últimos anos tem sido classificada como uma adição do ramo psicológico, com fatores em conformidade com outras dependências como, por exemplo, perda de interesse e interferência nas atividades diárias, descontrolo, sintomas de abstinência e mal estar clinicamente significativo devido ao seu uso inadequado (Elhai et al., 2017; Kuss & Pontes, 2019). Deste modo, os usuários dependentes da internet, afastam-se dos contactos físicos, não estabelecem objetivos e acabam por perder o rendimento escolar e laboral em prol de despender grande parte do seu tempo em atividades desnecessárias online (Patrão et al., 2017). Neste seguimento, a literatura tem associado solidamente uma diversidade de problemas psicossociais ao uso disfuncional da internet, nomeadamente, grande presença de psicopatologia (Cabral et al., 2018; Mendes & Silva, 2017) e presença de bem-estar emocional mais pobre (Pontes et al., 2016). Quanto à população mais afetada Griffiths e colaboradores (2016) concluíram no seu estudo que estudantes universitários, devido às alterações desenvolvimentais, maiores níveis de liberdade, autonomia e acesso mais facilitado à internet, estão mais propícios a enfrentar desafios e riscos online (Dias et al., 2020).

Alguns riscos associados à internet segundo a Comissão Europeia (2008) são: o *cyberbullying*; a perda da privacidade; a perda de segurança física associada à divulgação de dados pessoais como horários escolares, moradas, fotografias, entre outros; a receção de material pornográfico, xenófobo ou de violência extrema; ser vítima de fraudes online; e aliciamento para o jogo a dinheiro online. O risco advém de um padrão de comportamentos, ou seja, o facto de possuir uma página numa rede social não é, por si só, um fator que aumenta os comportamentos de risco online.

O conceito de riscos online é, então, referente a um conjunto de ações no âmbito da utilização de redes sociais, nos quais os jovens podem desempenhar um papel ativo ou passivo, podendo provocar danos físicos e/ou emocionais (de Oliveira Marques, 2017). Ademais, é necessário considerar aspetos de ordem desenvolvimental, associados ao funcionamento emocional dos adolescentes, assim como o modo destes lidarem com os riscos no geral e online (Kim & Hancock, 2015). Este risco advém sobretudo de interações com

pessoas que são desconhecidas e com cariz inapropriado (Wolak et al., 2008).

Assim, a internet assumiu-se, nos últimos anos, como um elemento que causa dependência (Cardoso, 2012). Contudo, a noção de dependência da internet ainda não atingiu a maturidade científica necessária para ser utilizada sem ambiguidades e, ainda que se coloque a possibilidade de não existir um vício específico associado à internet, a ligação entre a ideia de vício e o tempo passado a navegar atualmente é, no mínimo, problemático (Kim & Hodgins, 2018).

Concomitantemente, Kardefelt-Winther e colaboradores (2017) sugerem a definição de comportamentos de risco como um comportamento repetido que conduza a danos ou angústias significativas. Este não deve ser reduzido pela pessoa e persiste durante um período significativo. Sugerem ainda critérios de exclusão para os vícios comportamentais, tais como, o comportamento ser melhor explicado por uma perturbação subjacente, por exemplo, uma depressão, ser consequência de uma escolha voluntária, um período de envolvimento intenso prolongado que distancia o foco de outros aspetos da vida e, ainda, o comportamento ser resultado de uma estratégia de resolução mal adaptativa ou inadequada (Kardefelt-Winther et al., 2017).

A crescente omnipresença da internet traz igualmente novas possibilidades e diversos benefícios, nomeadamente no acesso ao conhecimento, na inclusão social, entre muitos outros. Contudo, é necessário assegurar mecanismos e estratégias apropriados para que o uso da internet seja feito maximizando o seu potencial e minimizando os riscos associados (Monteiro & Gomes, 2009).

Segundo a Ofcom (2008), os utilizadores de redes sociais mais jovens consideram na maioria das vezes que mesmo que sejam afetados pelos riscos, facilmente conseguem solucioná-los, demonstrando uma baixa perceção de risco, optando por centrar-se apenas nas oportunidades que as redes sociais oferecem a nível da partilha de informação, de comunicação, da interação social e da obtenção de apoio sócio emocional (Kim & Hancock, 2015). Um dos riscos mais prevalente é a autorrevelação, que consiste na divulgação de informações íntimas acerca do próprio (Joinson, 2001; Tidweel & Walther, 2002), possibilitando o surgimento de riscos ligados à violação de privacidade ou a interações hostis (de Oliveira Marques, 2017).

Estudos realizados neste âmbito, como por exemplo, o de Gaspar e Matos (2013), compreenderam que, de modo geral, os jovens que não referem atividades de ecrã têm uma perceção de qualidade de vida menos positiva, contrariamente aos que passam cerca de duas horas por dia no telemóvel. Estes resultados são sugestivos de que as atividades de tempo de

ecrã podem ser um fator protetor, assim como um fator de desenvolvimento sociocognitivo e de bem-estar, desde que o tempo despendido nesta atividade não seja excessivo (Gaspar & Matos, 2013). Num estudo realizado por Matos e colaboradores (2019) a maioria dos jovens inquiridos, referiu não se sentir confortável a falar sobre os seus sentimentos, pensamentos e preocupações cara a cara. Comparando os géneros, o feminino utiliza mais as novas tecnologias para entrar em contacto e para criar redes sociais, enquanto o masculino tem mais propensão para criar conflitos associados ao uso das tecnologias (Matos et al., 2019). Outros estudos confirmam que os rapazes passam mais tempo a jogar e as raparigas em redes sociais (Carapinha et al., 2020; Lavado & Calado, 2020; Ponte & Batista, 2019).

Os dados parecem indicar que os usos problemáticos são feitos por uma minoria de pessoas que, por períodos mais ou menos prolongados, podem desenvolver sintomas clínicos de sofrimento psíquico ou deterioração social causados pela internet (Chamarro et al., 2008), como a rejeição de comunicação e o foco excessivo das suas vidas, em torno do uso da internet e das novas tecnologias (Calle & Muñoz, 2018). Em termos de género, os estudos realizados não são conclusivos. Enquanto em alguns estudos, não se verificam diferenças de género relacionadas com o uso problemático da internet, a maioria dos estudos estabelece uma maior tendência masculina para desenvolver um uso problemático da mesma (Balsa et al., 2018; Floro et al., 2010; Kormas et al., 2011; Liu et al., 2013; Ponte & Batista, 2019; Muñoz-Rivas et al., 2010; Oliva et al., 2012; Wang et al., 2011) enquanto outros trabalhos constataram que há uma tendência maior para as raparigas (Boubeta et al., 2015; de la Villa Moral-Jiménez & Fernández- Domínguez, 2019; Durkee et al., 2012).

No primeiro confinamento, os dados de uma amostra de cerca de 1000 participantes com 18 ou mais anos, indicaram um aumento do tempo passado na internet, principalmente a trabalhar, mas também nas redes sociais, em aplicações de comunicação e, em menor medida, em atividades de lazer, a procurar informação ou a jogar (SICAD, 2020c). Os dados mais recentes quanto ao uso diário por grupo etário são indicativos de que esta é ainda mais comum nos jovens entre os 15 e os 24 anos (Balsa et al., 2018). Em termos do uso mais problemático da internet é mais comum entre os mais jovens e vai diminuindo à medida que se consideram grupos etários mais avançados (Balsa et al., 2018). Para além das novas adições e dos comportamentos de risco associados a estas, também as dependências com substâncias têm aumentado exponencialmente nas últimas décadas.

Dependências a Substâncias Lícitas e Fatores Associados

O álcool é uma das substâncias psicoativas mais precocemente consumidas pelos jovens, independente da classe económica ou cultural (Galduróz et al., 2004; Vieira et al.,

2007). Diferentes estudos concluíram que o álcool, por ser facilmente obtido e frequentemente publicitado, apresenta um consumo precoce e disseminado (Pechansky et al., 2004; Soares, 2006). Em Portugal, o consumo anual de álcool per capita é de 12.0 litros de álcool puro, na população com idade superior a 15 anos (SICAD, 2022). Entre os anos 2001 e 2017 a percepção de risco face ao consumo intensivo de bebidas alcoólicas (5 ou mais bebidas), num período temporal curto (fim de semana), aumentou de forma muito clara (Balsa et al., 2014; Balsas et al., 2018). No entanto, a percepção de risco quanto ao consumo excessivo de álcool, em termos genéricos ou a atitude relativamente ao consumo regular de bebidas alcoólicas, não tem evoluído consistentemente no decorrer das edições dos inquéritos nacionais (Balsa et al., 2014; Balsas et al., 2018).

Contudo, o uso precoce desta substância pode causar prejuízos ao desenvolvimento emocional e cognitivo dos jovens, danos que se perpetuam ao longo da vida (Pechansky et al., 2004). Os seus efeitos repercutem-se na neuroquímica cerebral, num pior ajustamento social e no atraso do desenvolvimento de competências, uma vez que os jovens ainda estão em processo de maturação em termos biológicos, sociais, pessoais e emocionais (de Almeida et al., 2014), devido à pouca maturação do córtex pré-frontal (Grant, 1998; Pechansky et al., 2004; Strauch et al., 2009). Assim, o consumo exagerado de álcool e de outras substâncias na adolescência pode causar alterações neurofisiológicas profundas, causando danos na memória, na aprendizagem, na inteligência, na capacidade de abstração, aumentando, concomitantemente, a propensão dos jovens desenvolverem perturbações relacionadas com o álcool (Pechansky et al., 2004; Paim, 2009).

Relativamente à prevalência de consumo de bebidas alcoólicas nos jovens, esta aumenta entre os 13 e os 18 anos. Este consumo, inicia-se, em média, por volta dos 16/17 anos. No entanto, após a alteração da legislação no sentido de impedir a disponibilização de bebidas alcoólicas a menores de idade, a percentagem de estudantes que iniciou precocemente o consumo, tem diminuído (Balsas et al., 2018, SICAD, 2022). Em termos de género, o predomínio de consumo é superior nos homens, discrepância que varia consoante o tipo de bebida alcoólica. Deste modo, sabe-se que os jovens rapazes tendem a iniciar o consumo mais precocemente. Também em termos de padrão de consumo, na população geral, são os homens quem bebe mais frequentemente, qualquer tipo de bebida alcoólica e apresenta consumos mais intensivos em diversas ocasiões. No entanto, no grupo etário dos estudantes, entre os 13 e os 18 anos, são as raparigas que demonstram ser mais propensas a consumos intensivos por ocasião (SICAD, 2022).

Dependências com Substâncias: Substâncias Ilícitas e Fatores Associados

Também o uso de substâncias ilícitas se inicia cada vez mais precocemente, nos mais jovens gerando, conseqüentemente, problemas de abuso e dependência de substâncias (de Almeida et al., 2014; Ferigolo et al., 2004; Strauch et al., 2009, Vieira et al., 2007). Em Portugal, segundo os últimos estudos efetuados, a substância ilícita mais consumida é a canábis, seguida da cocaína e do *ecstasy* (SICAD, 2022).

Desde novembro de 2001 que a aquisição, a posse e o consumo de substâncias deixou de ser considerado crime em Portugal. O consumo foi descriminalizado, mas não despenalizado, ou seja, consumir substâncias psicoativas ilícitas, continua a ser um ato punível por lei; contudo, deixou de ser um comportamento alvo de processo-crime, e passou a constituir uma contraordenação social (SICAD, 2022). Esta mudança na legislação portuguesa (Lei n.º 30/2000, de 29 de novembro) alterou o modo de observar um consumidor de substância, deixando de lado o preconceito que o comparava a um criminoso, passando a considerá-lo como uma pessoa que necessita de ajuda e apoio especializado (SICAD, 2022). Na população portuguesa, estima-se que a idade média de início de consumo de canábis seja por volta dos 18 anos de idade (Vasconcelos-Raposo et al., 2018), fase marcada por diversas mudanças a nível emocional, cognitivo, neurobiológico e comportamental, na qual o jovem adulto procura a sua independência aumentando, assim, as suas interações sociais e conseqüentemente a procura de novas sensações (Pereira & Dias, 2018; Soares et al., 2010). Numa análise recente sobre o consumo de canábis e género em Portugal identificaram-se algumas discrepâncias entre homens, mulheres e género não binário no que diz respeito a atitudes, padrões de consumo e prevalência. Quanto às atitudes, de uma forma geral os homens portugueses são mais favoráveis ao consumo diário e intenso de canábis do que os outros géneros (SICAD, 2022). Em termos de faixa etária os estudos revelam que os jovens, entre 18 e 24 anos, são os que apresentam consumos de canábis mais intensos por ocasião, embora em termos de prevalência o grupo etário entre os 25 e 24 anos seja o mais consumidor (Carapinha, 2023).

Em relação aos estimulantes, em termos de diferenças de género, por cada mulher que consome cocaína e *ecstasy* existem três homens consumidores (SICAD, 2022). Assim, os homens tendem a iniciar mais precocemente o consumo de cocaína e as mulheres o de *ecstasy*, embora de uma forma geral, os homens portugueses se demonstrem mais favoráveis ao consumo experimental de *ecstasy* (Carapinha et al., 2016). Fruto destes crescentes consumos e dependências a novas áreas, é necessário compreender alguns fatores psicológicos associados, nomeadamente, a presença de determinados traços de personalidade como a impulsividade.

Dependências Com e Sem Substâncias: O Efeito da Impulsividade

A palavra impulsividade surge do latim *impulsus* e significa bater ou empurrar. Desde o início do século XIX, os comportamentos impulsivos têm sido investigados sob o critério da patologia da vontade, inicialmente concebidos como ligados a sentimentos e intelecto e, mais tarde, considerados como uma função mental autónoma (Gálvez et al., 2004; Pinal & Pérez, 2003). Assim a impulsividade é classicamente descrita como um traço do temperamento, um componente hereditário e temporalmente estável da personalidade e, também, como um fenómeno adquirido através de uma lesão no sistema nervoso central (Tavares & Alarcão, 2008). Deste modo, a impulsividade, característica do comportamento, é marcada por reações não planeadas e rápidas, em que, na maioria das vezes a avaliação das consequências não é concretizada, ou quando o é, de uma forma parcial, foca-se essencialmente em aspetos imediatos, deteriorando as consequências a longo prazo, para o próprio e para os que o rodeiam (Moeller et al., 2001; Tavares & Alarcão, 2008). A impulsividade trata-se de um construto multidimensional complexo (Barratt, 1983; Whiteside & Lynam, 2001) e é um traço da personalidade de extrema importância para a prática clínica, forense, educacional e para a investigação (Pechorro et al., 2018; Stanford et al., 2009).

Magnan (1887) definiu os impulsos (impulsividade) como uma rápida explosão de energia associada à carência do controlo voluntário. Já Moelle e colaboradores (2001) descreveram-na como a predisposição que os sujeitos têm para os estímulos internos e externos sem considerar as consequências negativas destas ações, sendo esta tendência falha no desenvolvimento da vontade. Mais recentemente, vários autores interpretaram os seus postulados sobre este comportamento, considerando a impulsividade como um traço de personalidade dimensional, aplicado a muitos aspetos do comportamento animal e humano, caracterizados pelo défice na inibição do comportamento, mudança comportamental face à procura ambiental e tolerância à gratificação atrasada (Dellu-Hagedorn et al., 2004; McCloskey et al., 2009; Moeller et al., 2001; Moreira et al., 2016; Swann et al., 2002).

Teoricamente a impulsividade encontra-se relacionada com três fatores principais, nomeadamente, o aumento das implicações diretas das funções do lobo frontal, o aumento da velocidade de resposta emitida e a obtenção imediata de gratificação (Sánchez-Sarmiento et al., 2013). A descrição mais consensual da impulsividade descreve-a como uma doença congénita caracterizada por incapacidade psíquica geral, com falta de controlo, devido a um desenvolvimento patológico de impulsos. Esta definição foi modificada, incluindo definições em que a impulsividade foi entendida como a tendência para responder rapidamente sem reflexão prévia, comportamentos de raiva e agressividade ou a incapacidade de agir com

atenção sustentada (Gálvez et al., 2004; Pinal & Perez, 2003), tratando-se de um fenômeno multifacetado e contínuo. Embora se trate de um construto heterogêneo, identificam-se fatores comuns em várias definições, como a impossibilidade de esperar, a tendência para agir sem pensar ou sem avaliar o contexto, a insensibilidade às consequências, a incapacidade de inibição de comportamentos inapropriados e a dificuldade em adiar a gratificação (Barratt, 1993; Eysenck, 1993; Monterosso & Ainslie, 1999; Swann et al., 2002). Isto é, não se pode falar de um tipo universal de impulsividade, mas de tipos de impulsividade e de comportamentos impulsivos que se distribuem na população normal, variando em intensidade (Tavares & Alarcão, 2008).

Vários estudos têm demonstrado que a partir dos dois anos de idade, os comportamentos de tolerância ao atraso da recompensa são modelados pelos modelos mais velhos e, por isso, são semelhantes aos relatados em adultos (Steelandt et al., 2012). Assim, o aumento da tolerância nos comportamentos observados está frequente e positivamente relacionado com a melhoria dos resultados acadêmicos e subsequente sucesso social (Casey et al., 2011; Duckworth & Kern, 2011) e negativamente com comportamentos de risco e dependências precoces na adolescência e na juventude (Liu et al., 2012; Romer, 2010).

A impulsividade é também fator de risco para o desenvolvimento do consumo de álcool e outras substâncias (Hogarth, 2011; Melo, 2001; Stoltenberg et al., 2008). O abuso de substâncias é considerado um ato impulsivo, mas ainda não está claro se essa característica impulsiva precede o uso da substância ou se é uma consequência da mesma, podendo esta ser a causa ou a decorrência do comportamento de adição (Scheffer & de Almeida, 2010; Wit, 2008). A característica sobreposta comum às dependências comportamentais é a incapacidade de resistir a um impulso, levando a um envolvimento persistente no comportamento (e.g., videojogos, internet) apesar dos danos recorrentes (Grant & Potenza, 2010).

Os jovens apresentam um risco elevado para desenvolver dependência química e outros comportamentos de risco em função da impulsividade, pois as estruturas cerebrais responsáveis pelo controlo dos comportamentos e dos impulsos ainda está em fase de maturação (Stoltenberg et al., 2008), o que faz com que estes tendam a valorizar muito mais o presente, sejam mais imediatistas e não pensem tanto nas consequências dos seus atos (de Almeida et al., 2014). Deste modo, a impulsividade é um construto relevante para a explicação das diferenças individuais tanto em termos de personalidade normativa como em termos psicopatológicos, quer em adultos quer em adolescentes (D'Acremont & Linden, 2005; Pechorro et al., 2018; Stanford et al., 2009).

De acordo com diversos autores da década de 90, também a impulsividade se encontra

associada ao processo de dependência, em comportamentos com o uso contínuo de substâncias, a compulsão alimentar, entre outros (Faber et al., 1995; Goodman, 1990; Hatterer, 1982). Deste modo, parar ou diminuir o comportamento dependente é um processo difícil, devido a vários fatores, nomeadamente, a falta de consciência dos fatores que desencadeiam o comportamento e a proeminência cognitiva de gratificação imediata, em comparação com os efeitos adversos posteriores, dado que o comportamento se torna progressivamente mais automático e menos controlável (Bechara, 2005; Stacy et al., 2004; Tiffany, 1990; Wiers et al., 2010).

A urgência é uma das facetas da impulsividade que tem recebido cada vez mais atenção empírica dada a sua hipotética associação na etiologia e manutenção de vícios (Billieux et al., 2015; Coskunpinar et al., 2013; Farstad et al., 2015; Rose & Segrist, 2014; Smith & Cyders, 2016). Numa meta-análise de 96 estudos, que examinou a relação entre as facetas da impulsividade e a sua associação ao consumo problemático de álcool, Coskunpinar e colaboradores (2013) concluíram que, embora a impulsividade em geral estivesse relacionada com o consumo de álcool, a urgência negativa foi a única dimensão da impulsividade que previu a dependência do álcool e problemas relacionados com o consumo do mesmo. Assim, a incapacidade de tolerar emoções negativas parece ser um fator importante na etiologia e na manutenção tanto da dependência de substâncias como nas comportamentais (Kim & Hodgins, 2018; Langenbucher et al., 2004).

Dependências Com e Sem Substâncias: O Papel do Suporte Social

O apoio social é um recurso psicológico e material que melhora a qualidade de vida (Helgeson, 2003). O impacto positivo do apoio social na saúde já é discutido na literatura científica desde a década de 1970. Cobb (1976) descreveu os benefícios do apoio social, sendo este indicado como fenómeno que promove diversas patologias orgânicas e psíquicas, caracterizando o apoio social como a informação que leve o sujeito a crer que é cuidado e amado, estimado e valorizado.

O suporte social online refere-se à comunicação que ocorre no espaço virtual, onde as pessoas se podem sentir compreendidas e respeitadas, podendo receber emoções, informações e suporte material, reforçando assim a identidade e o sentimento de pertença (Nick et al., 2018; Zhao et al., 2021). Os défices de apoio social têm sido, consistentemente, associados à expressão de perturbações aditivas, incluindo álcool (McCrary et al., 2006), substâncias ilícitas, nomeadamente canábis (Choi et al., 2016; Tucker, 1982), bem como às dependências comportamentais (Kim & Hodgins, 2018; Rehm & Parry, 2009). A maioria da literatura indica que o apoio da família, amigos e outros, seja este online ou offline, pode melhorar a

qualidade de vida dos jovens (Mahmoud et al., 2017). Concomitantemente, esta estabelece uma relação entre o uso abusivo de substâncias, nomeadamente de álcool e as perturbações mentais, como impactos negativos na população socioeconomicamente mais desfavorecida, devido às situações de vulnerabilidade que vivenciam (Canesqui & Basarglini, 2012; Mahmoud et al., 2017; McCrady et al., 2006). Algumas investigações apontam ainda que fatores como a presença de suporte social, acesso ao lazer e políticas públicas estão inversamente relacionados com o uso abusivo de álcool em áreas rurais (Macedo et al., 2018; Ronzani, 2008). No seu estudo Guo e colaboradores (2021) concluíram que estudantes com menos apoio social são mais propensos a desenvolver menor qualidade de vida confirmando, assim, o efeito mediador do apoio social na associação entre dependência da internet e qualidade de vida (Guo et al., 2021).

Resultados de investigações longitudinais (Herreroa et al., 2022; Lapierre & Zhao, 2021; Vivas et al., 2019) e correlacionais (Al-Kandari & Al-Sejari, 2020; Ranney & Troop-Gordon, 2020) sugeriram que utilizadores dependentes de telemóveis tendem a apresentar suporte social pobre, comparativamente aos não dependentes. Com o uso social do telemóvel, como o desempenhado atualmente Liu e Yu (2013) compreenderam na amostra do seu estudo, a maioria da amostra relatou que o uso do *facebook* aumenta o suporte social online. Este apoio social online pode ter a mesma função que o apoio social realista, desempenhando um papel benéfico (Cheung et al., 2017) ou aumentando também o risco de dependência da internet e dependência dos telemóveis (Zhao et al., 2021). O uso social dos telemóveis pode ajudar também algumas pessoas a obter níveis mais altos de apoio social por meio do uso das redes sociais (Lee & Cho, 2019; Wu & Chiou, 2020).

Pessoas com bom suporte social são mais resilientes (Wang et al., 2019) e mais capazes de lidar com eventos stressantes da vida sem os evitar (Panesar et al., 2021). A maioria da população, atualmente, necessita estar conectada com os outros e ser respeitada, necessidades essas que podem ser suprimidas pelo apoio social. Além disso, um bom apoio social tem benefícios universais e pode ajudar as pessoas a superar a dependência da internet (Jung et al., 2019; Mo et al., 2018).

Concluindo, após uma revisão da literatura aprofundada sobre as temáticas acima supracitadas e, compreendendo a sua relação, torna-se pertinente neste estudo, compreender de que forma o suporte social, a impulsividade e as dependências com substâncias desencadeiam os comportamentos de risco online na população jovem adulta.

Estudo Empírico

A segunda parte deste projeto inicia-se com a descrição da metodologia, começando

pela apresentação dos objetivos e das hipóteses. Seguidamente, realizar-se-á a caracterização dos participantes que constituem a amostra, dos instrumentos e do procedimento utilizado na análise de dados.

Para a realização deste estudo será utilizado o método quantitativo, com o objetivo de medir as variáveis de forma a obter resultados numéricos que permitam fazer generalizações para outras populações ou diferentes contextos. Este método segue com rigor um plano previamente estabelecido, com hipóteses e variáveis definidas previamente. Visa enumerar e medir eventos de forma objetiva e precisa, assim como explicar e prever um fenómeno pela medida das variáveis, analisando os dados numéricos. Para isto, neste projeto foi escolhida uma amostra representativa da população alvo, assim como instrumentos adequados para responder às hipóteses formuladas (Fortin, 2006; Proetti, 2018).

Objetivos

Partindo da revisão da literatura, o objetivo principal deste projeto é compreender a relação dos comportamentos de risco online em função das dependências com substâncias, assim como a sua variância em função do suporte social e da impulsividade. Como objetivos específicos, estudar se as dependências, a impulsividade e o suporte social variam em função das variáveis sociodemográficas, nomeadamente, género e idade.

Hipóteses e Questões de Investigação

Deste modo e considerando os objetivos definidos anteriormente, procedeu-se à descrição de sete hipóteses.

Assim, estabelecem-se as seguintes hipóteses de investigação:

Hipótese 1: Existe uma relação entre as dependências com e sem substância;

Hipótese 2: A exposição a riscos online varia em função da idade;

Hipótese 3: Existem diferenças de género nas dependências comportamentais, nomeadamente na exposição aos riscos online;

Hipótese 4: Existe uma relação entre as dependências com substâncias o género e a idade;

Hipótese 5: A impulsividade varia em função das características sociodemográficas;

Hipótese 6: As dependências com e sem substâncias relacionam-se com o suporte social.

Hipótese 7: Existe uma relação entre as dependências com substâncias e sem substâncias e a impulsividade.

Na presente investigação considera-se como variável dependente os comportamentos de risco online, operacionalizados em quatro dimensões, nomeadamente, cyber-violência, contacto com estranhos, discriminação online e exposição à pornografia.

Em relação ao suporte social este assume-se, também, como variável dependente,

operacionalizado em quatro dimensões: satisfação com as amizades, intimidade, satisfação com a família e atividades sociais.

Relativamente à impulsividade esta assume-se, igualmente, como variável dependente, operacionalizada em cinco dimensões: urgência negativa, urgência positiva, falta de perseverança, falta de premeditação e procura de sensações.

Por outro lado, como variáveis sociodemográficas considera-se o género e a idade. Relativamente ao género este é subdividido em dois grupos, nomeadamente, feminino e masculino.

Participantes

Relativamente à amostra em estudo, considera-se que esta é de carácter não probabilístico por conveniência (Pardal & Lopes, 2011). Desta forma, a amostra utilizada nesta investigação é constituída por jovens adultos de várias regiões de Portugal. A escolha desta população prende-se com o facto de se tratar de uma população que na literatura se encontra como prevalente consumidora de substâncias e cada vez mais dependente da internet e, por isso, mais propensa aos riscos online.

Relativamente à amostra recolhida esta foi realizada num processo de conveniência e bola de neve. No sentido de melhor compreender a amostra, foram implementadas medidas descritivas (média, desvio padrão, mínimo, máximo e frequências), descritas na Tabela 1.

Assim, a amostra é constituída por 212 jovens adultos ($n = 212$, 100%), com idades entre os 18 e os 30 anos ($M = 24.15$, $DP = 3.32$), maioritariamente do género feminino ($n = 123$, 58%), de nacionalidade portuguesa ($n = 193$, 91.0 %) e solteiros ($n = 192$, 90.6%). A escolha por esta população prende-se com o facto de se tratar de uma população com maior probabilidade de apresentar comportamentos aditivos.

Relativamente à situação profissional maioritariamente são estudantes ($n = 81$, 38.2%) e empregados ($n = 78$, 36.8 %). No que concerne à frequência de escolaridade esta é situada no grau de licenciatura ($n = 96$, 45.3 %), seguido do ensino secundário ($n = 78$, 36.8 %), como se apresenta na Tabela 1.

Tabela 1

Descrição da Amostra em Função da Idade, Género, Nacionalidade, Estado Civil, Profissão e Escolaridade

Variável	Respostas	<i>n</i>	%
Idade	18 anos	12	5.7
	19 anos	10	4.7
	20 anos	9	4.2
	21 anos	8	3.8

	22 anos	27	12.7
	23 anos	34	16.0
	24 anos	26	12.3
	25 anos	12	5.7
	26 anos	16	7.5
	27 anos	15	7.1
	28 anos	18	8.5
	29 anos	10	4.7
	30 anos	15	7.1
Género	Masculino	89	42.0
	Feminino	123	58.0
Nacionalidade	Portuguesa	191	90.1
	Brasileira	17	8.0
	Inglesa	1	0.5
	Chinesa	1	0.5
	Chilena	1	0.5
	Marroquina	1	0.5
Estado civil	Solteiro(a)	192	90.6
	Casado(a)	10	4.7
	União de facto	9	4.2
	Viúvo(a)	1	0.5
Profissão	Empregado(a)	78	36.8
	Desempregado(a)	19	9.0
	Estudante-trabalhador(a)	34	16.0
	Estudante	81	38.2
Habilitações literárias	6.º ano	1	0.5
	9.º ano	11	5.2
	Ensino secundário	78	36.8
	Licenciatura	96	45.3
	Mestrado	26	12.3

Descrição da Amostra em Função dos Consumos

Consumo de Álcool

Relativamente aos padrões de consumo de álcool foi possível confirmar que a maioria dos jovens adultos consumiu álcool ao longo de toda a vida mais de 40 vezes ($n = 116$, 54.8%). Relativamente ao consumo da substância no último ano não se verifica um padrão sendo, no entanto, o consumo mais frequente é de 10-19 vezes ($n = 39$, 18.4%). Já nos últimos 30 dias a maior frequência observada nos jovens adultos situa-se na 1-2 vezes ($n = 72$, 34%). Por fim, relativamente ao consumo de álcool nos últimos 7 dias a maioria dos inquiridos afirma não ter consumido álcool nenhuma vez ($n = 113$, 53.3 %).

Consumo de Tabaco

No que concerne aos padrões de consumo de tabaco nos jovens adultos foi possível confirmar que grande parte dos inquiridos ao longo de toda a vida ou nunca consumiu tabaco ($n = 73$, 34.4%) ou consumiu 40 ou mais vezes ($n = 60$, 28.3%). Contudo, nas seguintes

medidas temporais foi possível estabelecer um padrão de consumo, situado na inexistência de consumo (0 vezes), no último ano ($n = 139$, 65.5%), 30 dias ($n = 156$, 73.6%) e 7 dias ($n = 165$, 77.8%).

Consumo de Cocaína

Em relação ao consumo de cocaína nos jovens adultos foi possível compreender que em todas as medidas temporais a maioria do consumo é situada nas 0 vezes, nomeadamente, ao longo da vida ($n = 195$, 92%), no último ano ($n = 207$, 97.6%), 30 dias ($n = 209$, 98.6%) e 7 dias ($n = 210$, 99.1%).

Consumo de Canábis

Por fim, relativamente ao consumo de canábis a população inquirida também se situou maioritariamente na inexistência de consumo ao longo da vida ($n = 124$, 58.5%), no último ano ($n = 166$, 78.3%), últimos 30 dias ($n = 184$, 86.8%) e 7 dias ($n = 189$, 89.2%). A maioria dos jovens inquiridos consumiu a substância canábis 0 vezes.

Instrumentos

De seguida serão apresentados os instrumentos utilizados para a recolha de dados, sendo estes o Questionário Sociodemográfico, construído para o efeito, o ESPAD (2011), a Escala de Comportamentos de Risco Online (ECRO), a Escala de Satisfação com o Suporte Social e a *Impulsivity Scale*.

Questionário Sociodemográfico

O Questionário Sociodemográfico foi construído especificamente para este estudo, com o objetivo de recolher dados que caracterizassem a amostra de acordo com determinadas variáveis. Desta forma, o questionário utilizado descreve os participantes em função do género, da idade, do estado civil, da escolaridade e da profissão, assim como das habilitações literárias dos mesmos (Anexo A).

European School Survey Project on Alcohol and other Drugs (ESPAD)

De modo a mensurar os padrões de consumo dos participantes foi necessária a implementação de itens específicos do ESPAD (2011). Assim, foram implementados neste estudo apenas alguns itens da secção k, nomeadamente os relativos ao consumo de álcool, tabaco, cocaína e canábis, com o intuito de avaliar a prevalência do consumo destas substâncias ao longo da vida, nos últimos 12 meses, 30 dias e 7 dias, introduzindo questões como, por exemplo, “Com que frequência consumiste álcool durante os últimos 12 meses?”. Este instrumento é cotado numa escala tipo *Likert*, de sete pontos, variando entre “0 vezes”, 1-2 vezes, 3-5 vezes, 6-9 vezes, 10-19 vezes, 20-39 vezes e “40 ou mais vezes”. Deste modo, a prevalência de respostas negativas, ou seja, de ausência de consumo (0 vezes) traduz-se na ausência da presença de uma possível dependência, enquanto uma frequência mais elevada

(40 ou mais vezes) se traduz numa dependência à substância avaliada.

Escala de Comportamentos de Risco Online (ECRO)

Face à escassez de instrumentos que avaliem os comportamentos de risco online, foi utilizada a tradução da escala *Online Risk Behaviours* (Rodríguez-de-Dios et al., 2018). Posteriormente foram acrescentados itens com base em outros estudos (Álvarez-García et al., 2015; Livingstone & Helsper, 2010) de modo a complementar a escala. Assim, para avaliar os comportamentos de risco online no presente estudo foi utilizado o ECRO, instrumento que se encontra em adaptação (adaptação ainda não publicada).

Deste modo, foram realizadas análises fatoriais exploratórias, de modo a compreender quais os fatores que apresentavam saturação superior a 1 para a sua extração. Foram extraídos quatro fatores. Contudo, o item 1 (“Partilhas informações pessoais [endereço, número de telefone, etc.] com outra pessoa com quem tenhas estado cara a cara”), apresentou baixa comunalidade ($< .350$) (Osborne, 2014). As comunalidades, por seu lado, foram também apropriadas ($> .300$). Globalmente estes resultados sugeriram um bom ajustamento da solução fatorial aos dados (Marôco, 2014). Prosseguindo com as análises foram eliminados os itens que apresentavam baixo poder discriminativo. Foram também eliminados itens que apresentavam valores de saturação semelhantes em diferentes fatores ou que por sua vez saturavam em fatores diferentes do que era pretendido. Os testes de *Bartlett*, $\chi^2(136) = 2176,353$, $p < .001$ e *Kaiser–Meyer–Olkin* ($KMO = .872$), sugeriram tratar-se de uma matriz de correlações, e uma amostragem adequada, respetivamente (Ferrando & Lorenzo-Seva, 2018).

Feitas as análises à consistência interna, a adaptação do instrumento ECRO, ainda não publicada, compreende atualmente 17 itens distribuídos em quatro subescalas, nomeadamente, cyber-violência, contacto com estranhos, discriminação online e exposição à pornografia. Esta escala é classificada numa escala de *Likert* de seis pontos, nomeadamente: (1) nunca; (2) raramente; (3) poucas vezes; (4) algumas vezes; (5) frequentemente e (6) sempre.

Por último, a análise da consistência interna de cada uma das subescalas foi efetuada através do cálculo do coeficiente *alfa de cronbach*. Deste modo, o instrumento apresentou valores de *alfa de cronbach* nas subescalas: cyber-violência .788, contacto com estranhos .709, discriminação online .719 e exposição à pornografia .813.

No presente estudo, conforme é apresentado na Tabela 2, obteve valores de consistência interna favoráveis, que variam nas diferentes subescalas entre .723 contacto com estranhos, .738 discriminação online, .777 exposição a pornografia e .812 na cyber-violência,

num total da escala completa de .869.

Tabela 2

Análise da Consistência Interna da Escala ECRO

	Número de itens	<i>Alfa de Cronbach</i>
ECRO subescalas		
Cyber-violência	5	.812
Contato com estranhos	5	.723
Discriminação online	4	.738
Exposição à pornografia	3	.777
Escala completa	17	.869

Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS)

A escala de satisfação com o suporte social foi construída e validada por Ribeiro (1999) especificamente para a população portuguesa. Tem como objetivo verificar o grau de satisfação dos participantes relativamente à sua família, amigos, intimidade e atividades sociais. Este instrumento avalia ainda as necessidades de suporte social, aferindo o grau de satisfação com o suporte social recebido, focalizando o grau de satisfação com que o indivíduo percebe, o tipo de suporte oferecido ou o grau de satisfação com alguns elementos que integram as suas redes ao lhe oferecerem suporte (Ribeiro, 1999).

Trata-se de uma escala multidimensional, constituída por 15 itens, de resposta tipo *Likert*, com cinco opções de resposta, nomeadamente: (1) concordo totalmente; (2) concordo na maior parte; (3) nem concordo nem discordo; (4) discordo na maior parte e (5) discordo totalmente. A pontuação total da escala pode variar entre 15 e 75, sendo que à pontuação mais elevada corresponde uma maior perceção de suporte social.

Respetivamente à consistência interna os valores das quatro dimensões da escala são: Satisfação com as amigadas: $\alpha = .771$; intimidade: $\alpha = .718$; satisfação com a família: $\alpha = .639$; atividades sociais: $\alpha = .622$; e na escala global $\alpha = .855$ (Ribeiro, 1999; Siqueira, 2008). No que concerne à consistência interna do instrumento ESSS, no presente estudo, as subescalas intimidade e atividades sociais, conforme é perceptível na Tabela 3, apresentam valores de .693 e .670, respetivamente, ou seja, valores mais baixos que o expectável. Contudo, apesar destes valores, as outras duas subescalas, satisfação com as amigadas .879 e satisfação com a família .894, obtiveram valores aceitáveis. Posto isto, o valor de *alfa de cronbach* da escala completa é de .883, valor superior ao expectável.

Tabela 3

Análise da Consistência Interna da Escala ESSS

	Número de itens	Alfa de Cronbach
ESSS subescalas		
Satisfação com as amizades	5	.879
Intimidade	4	.693
Satisfação família	3	.894
Atividades sociais	3	.670
Escala completa	15	.883

Impulsivity Scale (SUPSS-P)

Este instrumento foi utilizado com o propósito de avaliar a impulsividade dos jovens adultos. É um questionário de autorrelato concebido para medir a impulsividade derivada da UPPS-P original (Lynam et al., 2006). O SUPSS-P foi adaptado para a população portuguesa por Pechorro e colaboradores (2021) e engloba cinco fatores com quatro itens cada, num total de 20 itens: urgência negativa, falta de perseverança, falta de premeditação, procura de sensações e urgência positiva. Todos os itens são avaliados em escalas tipo *Likert* de quatro pontos, em que (1) corresponde a concordo fortemente; (2) concordo; (3) discordo e (4) a discordo fortemente. Uma elevada prevalência de impulsividade reflete-se em pontuações mais altas na escala. Relativamente às propriedades psicométricas, estas demonstraram-se adequadas em estudos anteriores (Cyders et al., 2014), assim como na adaptação à população portuguesa, com *alpha de cronbach*, satisfatórios, nomeadamente: urgência negativa $\alpha = .81$; falta de perseverança: $\alpha = .77$; falta de premeditação $\alpha = .86$; procura de sensações: $\alpha = .86$ e urgência positiva $\alpha = .87$ (Pechorro et al., 2021).

No presente estudo, conforme se pode observar na Tabela 4, o *alfa de cronbach* nas diferentes subescalas varia entre .852, na falta de premeditação a .641, na urgência positiva. Apesar de algumas subescalas obterem valores abaixo de .70, ainda assim, o *alfa* da escala completa neste estudo é de .823, o que é bastante favorável.

Tabela 4

Análise da Consistência Interna da Escala SUPPS-P

	Número de itens	Alfa de Cronbach
SUPPS-P subescalas		
Urgência negativa	4	.641
Urgência positiva	4	.662
Falta de perseverança	4	.699
Falta de premeditação	4	.852
Procura de sensações	4	.730

Procedimento

O presente estudo iniciou-se com a escolha do tema, que suscitou interesse. Após uma pesquisa de literatura aprofundada sobre as variáveis principais, tornou-se pertinente relacionar as dependências com e sem substâncias, com o suporte social e a impulsividade devido à atualidade do tema. Os instrumentos foram escolhidos em conformidade com os objetivos do estudo. Alguns dos critérios de seleção passaram pela adequação ao tema e à população, bem como a medição das variáveis pretendidas.

Após o pedido de autorização de utilização dos instrumentos aos autores que desenvolveram e adaptaram ao contexto português, e após aprovação do projeto em Conselho Científico, foi iniciada a recolha de dados. Numa primeira fase, os instrumentos foram colocados no *Google Forms* e, posteriormente, a aplicação dos mesmos foi feita online, através do mesmo, atendendo à sua praticidade. Foi garantida a privacidade, confidencialidade e liberdade de participação, dos dados recolhidos junto dos estudantes que participaram nesta investigação, através do consentimento informado (Anexo B).

A divulgação do questionário começou no dia 1 de abril de 2023, em formato online, e esteve disponível para preencher até ao dia 15 de julho de 2023.

Os dados recolhidos foram tratados estatisticamente, recorrendo ao programa informático específico para o efeito, o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) Versão 27. O tratamento estatístico foi realizado recorrendo à estatística descritiva, com o intuito de determinar frequências, médias, desvio padrão, mínimo e máximo, modalidade de resposta mais frequente e percentagem. Também se recorreu à estatística inferencial que engloba testes estatísticos de associação e diferenças que nos permitem concluir se as associações ou diferenças detetadas na amostra estudada estão, ou não, presentes na população-alvo. Para isso, foram utilizados o teste de correlação de *Pearson* (r) de modo a avaliar se as variáveis se relacionam entre si. Foi ainda utilizado o teste t de *Student* para comparar diferenças entre amostras independentes. Utilizou-se ainda a regressão linear, com o método de *stepwise*, no sentido de perceber as variáveis preditoras do estudo.

Em anexo encontra-se um cronograma geral (Anexo C) onde estão indicados os procedimentos gerais efetuados para concluir a presente dissertação de mestrado.

De seguida serão apresentados os resultados e a discussão, no que concerne aos comportamentos de risco online, suporte social e impulsividade em função das variáveis

sociodemográficas género e idade.

Resultados

No presente subponto proceder-se-á à análise e apresentação dos resultados obtidos, de acordo com a ordem das hipóteses formuladas e posteriormente da questão de investigação, formuladas para o presente estudo.

Conforme os objetivos pré-definidos para este estudo, os resultados foram descritos e analisados por fases, primeiramente, de forma a compreender a normalidade da amostra e, posteriormente, a escolha dos testes estatísticos, foi realizado o teste *de Kolmogorov-Smirnov*. Através deste, foi possível concluir que todas as variáveis apresentam uma distribuição normal ($p < .001$). De acordo com a normalidade da amostra e as hipóteses, foram utilizados apenas testes estatísticos paramétricos, nomeadamente o coeficiente de correlação de *pearson* e o teste t de *student*. De modo a compreender os modelos preditores do presente estudo foi ainda utilizada a Regressão Linear, com o método de *steptwise*.

Comportamentos de Risco Online e Dados Sociodemográficos

Comportamentos de Risco Online e Idade

Foi utilizado o teste de correlação de *Pearson* para avaliar a relação entre a idade e os comportamentos de risco online. Conforme se percebe abaixo na Tabela 5, observa-se uma relação positiva baixa e estatisticamente significativa entre a idade e a discriminação online, $r = .158$, $p = .021$. Ou seja, à medida que a idade dos jovens adultos aumenta, também aumentam os comportamentos de discriminação online.

Tabela 5

Comportamentos de Risco Online em Função da Idade

		Idade
Cyber-violência	<i>r</i>	.106
Contato Online	<i>r</i>	.091
Discriminação online	<i>r</i>	.158*
Exposição pornografia	<i>r</i>	.004

* $p < .05$.

Comportamentos de Risco Online e Género

Utilizou-se o teste t de *Student* para avaliar diferenças na presença de comportamentos de risco online em função do género. Conforme se percebe na Tabela 6, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na subescala cyber violência, $t(137.059) = 2.900$, p

< .001, e na discriminação online, $t(129.403) = 3.436$, $p < .001$, sendo as pontuações médias superiores nos rapazes.

Tabela 6

Comportamentos de Risco Online em Função do Género

	Feminino		Masculino		Teste t de <i>student</i>		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
Cyber-violência	6.024	2.481	7.405	3.962	2.900	137.059	<.001
Contato Online	10.081	4.160	12.416	5.054	3.682	166.558	.309
Discriminação online	6.342	2.819	8.338	4.927	3.436	129.403	<.001
Exposição pornografia	4.797	1.886	5.090	2.443	.986	210	.319

Consumo de Substâncias e Dados Sociodemográficos

Consumo de Substâncias e Idade

Foi utilizado o teste de correlação de *Pearson* para avaliar a relação entre a idade e os consumos de substâncias. Encontram-se algumas relações estatisticamente significativas nomeadamente, uma relação negativa entre a idade e o consumo de álcool, $r = -.146$, $p = .035$, a idade e o consumo de canábis, $r = -.281$, $p < .001$, e, por fim, a idade e o consumo de cocaína, $r = -.188$, $p = .006$. Ou seja, à medida que a idade aumenta, os consumos diminuem.

Consumo de Substâncias e Género

Utilizou-se o teste t de *Student* para avaliar diferenças na presença de consumo de substâncias em função do género. Conforme se percebe na Tabela 7 abaixo, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na subescala canábis, $t(122.755) = 3.874$, $p < .001$, e no consumo de cocaína, $t(96.881) = 2.411$, $p < .001$, sendo as pontuações médias superiores no sexo masculino.

Tabela 7

Consumo de Substâncias em Função do Género

	Feminino		Masculino		Teste t de <i>Student</i>		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
Álcool	13.382	4.697	14.910	5.686	2.074	166.974	.069
Tabaco	9.138	7.499	11.202	8.841	1.786	170.200	.010
Canábis	5.748	3.703	8.933	7.087	3.874	122.755	<.001
Cocaína	4.098	.6704	4.764	2.545	2.411	96.881	<.001

Suporte Social e Dados Sociodemográficos

Suporte Social e Idade

Foi utilizado o teste de correlação de *Pearson* para avaliar a relação entre a idade e o

suporte social nos jovens adultos. Não foram encontradas relações estatisticamente significativas em nenhuma das dimensões, ou seja, os valores da idade nas diferentes subescalas do suporte social apresentam um $p > .05$.

Suporte Social e Género

Utilizou-se o teste t de *Student* para avaliar diferenças no suporte social em função do género. Conforme se percebe na Tabela 8, não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas, ou seja, as diferenças entre géneros, nas diferentes subescalas do suporte social, apresentam um $p > .05$; contudo, embora as médias sejam bastantes semelhantes, estas são ligeiramente superiores no sexo masculino. Relativamente a ambos os géneros, as pontuações médias mais elevadas são relativas à dimensão satisfação com as amizades, ou seja, ambos os sexos apresentam índices de maior suporte social nesta dimensão.

Tabela 8

Suporte Social em Função do Sexo

	Feminino		Masculino		Teste t de <i>Student</i>		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>P</i>
Satisfação com as amizades	12.561	3.585	13.067	3.661	1.006	187.410	.670
Intimidade	11.130	2.463	10.607	3.017	-1.388	165.534	.088
Satisfação com a família	6.431	3.027	7.652	3.378	2.759	176.907	.173
Atividades sociais	8.870	2.914	8.303	3.235	-1.334	177.532	.330

Impulsividade e Dados Sociodemográficos

Impulsividade e Idade

Foi utilizado o teste de correlação de *Pearson* para avaliar a relação entre a idade e a impulsividade nos jovens adultos. Não foram encontradas relações estatisticamente significativas ($p > .05$) em nenhuma das dimensões, ou seja, a idade, nas várias dimensões da impulsividade, apresenta resultados positivos semelhantes.

Impulsividade e Género

Foi utilizado o teste t de *Student* para avaliar a relação entre o género e a impulsividade nos jovens adultos. Conforme se percebe na Tabela 9, não foram encontradas relações estatisticamente significativas em nenhuma das dimensões ($p > .05$). Embora as médias sejam bastantes semelhantes, estas são ligeiramente superiores no sexo feminino. Relativamente ao sexo feminino, as pontuações médias mais elevadas são relativas à dimensão falta de perseverança, enquanto nos homens a pontuação média mais elevada é referente à falta de premeditação, ou seja, enquanto as mulheres apresentam maiores

dificuldades em continuar a persistir, os homens apresentam maiores dificuldades na capacidade de ponderar diversas situações.

Tabela 9

Impulsividade em Função do Gênero

	Feminino		Masculino		Teste t de <i>Student</i>		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>gl</i>	<i>p</i>
Urgência negativa	11.155	2.535	10.809	2.611	-.967	186.446	.988
Urgência positiva	12.569	2.406	12.067	2.472	-1.481	186.720	.992
Falta de perseverança	12.862	2.022	12.135	2.469	-2.353	165.936	.085
Falta de premeditação	12.317	2.302	12.483	2.668	.485	172.312	.097
Procura de sensações	11.691	2.652	10.023	3.086	-4.219	171.816	.073

Relação entre as Variáveis em Estudo

Relação entre Comportamentos de Risco Online e Suporte Social

Foi utilizado o teste de correlação de *Pearson* para avaliar a relação entre os comportamentos de risco online e o suporte social. Foram encontradas relações estatisticamente significativas, nas seguintes subescalas: Cyber violência e Satisfação com as amigas, $r = .164, p < .05$; Cyber violência e Satisfação com a família, $r = .212, p < .05$; Contacto online e Intimidade $r = .152, p < .05$; Discriminação online e Satisfação com as amigas, $r = .135, p < .05$; Discriminação online e Satisfação familiar, $r = .193, p < .05$; Exposição à pornografia e Satisfação com amigas, $r = .180, p < .05$; Exposição à pornografia e Satisfação familiar, $r = .158, p < .05$.

Com o propósito de compreender a relação entre os comportamentos de risco online em função do suporte social foi também utilizada a regressão linear, através do método *stepwise*. Assim, foi encontrado um modelo estatisticamente significativo, com preditores como a satisfação com as amigas e com a intimidade, $Z = 8.672, p < .001$, com ajustamento de $R = .277$, que explica 6.8% da variância da intenção de exercer comportamentos de risco online em função do suporte social. Uma análise detalhada do efeito de cada um dos preditores pode ser encontrado na Tabela 10.

Tabela 10

Comportamentos de Risco Online em Função do Suporte Social

	Coefficientes não padronizados	Coefficientes padronizados
--	--------------------------------	----------------------------

Modelo	B	Erro	β	<i>t</i>	<i>p</i>
(Constante)	30.973	3.746		8.268	<.001
Satisfação com as amizades	.786	.221	.245	3.560	<.001
Satisfação com a intimidade	-.892	.294	-.209	-3.031	.003

Nota. $R = .277$, $R^2 = .077$, $Z = 8.672$, $p < .001$

Relação entre Comportamentos de Risco Online e Impulsividade

Foi utilizado o teste de correlação de *Pearson* para avaliar a relação entre os comportamentos de risco online e a impulsividade. Foram encontradas relações estatisticamente significativas, nas seguintes subescalas: Cyber Violência e Urgência Negativa, $r = -.144$, $p < .05$; Cyber violência e Urgência Positiva, $r = -.255$, $p < .001$; Cyber violência e Falta de perseverança, $r = -.195$, $p < .05$; Cyber violência e Falta de premeditação, $r = -.204$, $p < .05$; Cyber violência e Procura de sensações, $r = -.237$, $p < .001$; Contacto online e Urgência positiva, $r = -.148$, $p < .05$; Contacto online e procura de sensações, $r = -.212$, $p < .05$; Discriminação online e Falta de perseverança, $r = -.212$, $p < .05$; Discriminação online e Falta de premeditação, $r = -.142$, $p < .05$; Discriminação online e Procura de sensações, $r = -.154$, $p < .05$; Exposição à pornografia e Urgência positiva, $r = -.214$, $p < .05$; Exposição à pornografia e Falta de perseverança, $r = -.135$, $p < .05$; Exposição à pornografia e Falta de premeditação, $r = -.178$, $p < .05$; Exposição à pornografia e Procura de sensações, $r = -.197$, $p < .05$.

Com o intuito de avaliar a presença de comportamentos de risco online em função da impulsividade, foi também utilizada a regressão linear, através do método *stepwise*. Foi possível encontrar um modelo estatisticamente significativo, com preditores como a procura de sensações e a falta de perseverança, $Z = 10.365$, $p < .001$, com ajustamento de $R = .300$, que explica 8.2% da variância da intenção dos comportamentos de risco online em função da impulsividade, conforme se percebe mais detalhadamente na Tabela 11.

Tabela 11

Comportamentos de Risco Online em Função da Impulsividade

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro	β	<i>t</i>	<i>p</i>
(Constante)	53.774	5.154		10.434	<.001
Procura de sensações	-.865	.259	-.220	-3.341	<.001
Falta de perseverança	-1.034	.341	-.200	-3.035	.003

Nota. $R = .300$, $R^2 = .090$, $Z = 10.365$, $p < .001$

Relação entre Suporte Social e Impulsividade

Foi utilizado o teste de correlação de *Pearson* para avaliar a relação entre a impulsividade e o suporte social. Foram encontradas relações estatisticamente significativas, nas seguintes subescalas: Urgência negativa e Intimidade, $r = .165, p < .05$; Urgência negativa e Atividades sociais, $r = .226, p < .001$; Urgência positiva e Satisfação familiar, $r = .172, p < .05$; Urgência negativa e Atividades sociais, $r = .248, p < .001$; Falta de perseverança e Satisfação amizades, $r = -.202, p < .05$; Falta de perseverança e Satisfação familiar, $r = -.263, p < .001$; Falta de premeditação e Satisfação amizades, $r = -.233, p < .001$; Falta de premeditação e Satisfação familiar, $r = -.144, p < .05$; Falta de premeditação e Atividades sociais, $r = -.229, p < .001$.

Recorrendo também à regressão linear, através do método *steptwise*, foi avaliada a presença de suporte social em função da impulsividade. Foi encontrado um modelo estatisticamente significativo, com preditores de urgência positiva e negativa, $Z = 19.080, p < .001$, com ajustamento de $R = .393$, que explica 14.6% da variância dos preditores de suporte social em função da impulsividade, conforme se compreende na Tabela 12.

Tabela 12

Comportamentos de Risco Online em Função da Impulsividade

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro	β	t	P
(Constante)	18.438	5.314		3.470	<.001
Urgência positiva	1.355	.306	.284	4.429	<.001
Urgência negativa	1.232	.333	.237	3.701	<.001

Nota: $R = .395, R^2 = .154, Z = 19.080, p < .001$

Comportamentos de Risco Online e Consumo de Substâncias

Procedeu-se a uma regressão linear, através do método *steptwise*, para avaliar a presença de comportamentos de risco online em função do consumo de substâncias. Foi encontrado um modelo estatisticamente significativo, com preditores de consumo de canábis nos últimos 7 dias e cocaína no último mês, $Z = 18.074, p < .001$, com ajustamento de $R = .384$, que explica 13.9% dos comportamentos de risco online para o consumo de substâncias. Uma análise mais detalhada do efeito de cada um dos preditores pode ser encontrado na Tabela 13.

Tabela 13

Comportamentos de Risco Online e Consumo de Substâncias

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro	β	<i>t</i>	<i>p</i>
(Constante)	20.932	1.921		10.897	<.001
Consumo de cocaína nos últimos 30 dias	7.829	1.839	.296	4.256	<.001
Consumo de canábis nos últimos 7 dias	1.669	.761	.153	2.195	.029

Nota: $R = .384$, $R^2 = .147$, $Z = 18.074$, $p < .001$

Com o intuito de compreender especificamente a possibilidade de existência de outros modelos foram testadas todas as substâncias (álcool, tabaco, canábis e cocaína) separadamente de modo a compreender qual a sua correlação com os comportamentos de risco online. Deste modo, relativamente ao consumo de álcool, foi encontrado um modelo estatisticamente significativo, com preditores de consumo de álcool na última semana, $Z = 6.789$, $p = .010$, com ajustamento de $R = .177$, que explica 2.7% dos comportamentos de risco online para o consumo de álcool. No que concerne ao consumo de tabaco foi possível compreender a existência de um modelo estatisticamente significativo, com preditores de consumo de tabaco na última semana, $Z = 4.426$, $p = .037$, com ajustamento de $R = .144$, que explica 1.6% da variância da intenção dos consumidores de tabaco. Relativamente à substância cocaína, foi também possível encontrar um modelo estatisticamente significativo, com preditores de consumo de cocaína no último mês, $Z = 30.773$, $p < .001$, com ajustamento de $R = .358$, que explica 12.4% da variância da intenção dos comportamentos de risco online para o consumo de cocaína. Por fim, foi testada a associação do consumo de canábis, e foi possível encontrar um modelo estatisticamente significativo, com preditores de consumo de canábis na última semana, $Z = 16.672$, $p < .001$, com ajustamento de $R = .271$, que explica 6.9% da variância da intenção dos comportamentos de risco online para o consumo da substância canábis.

Impulsividade e Consumo de Substâncias

Com o intuito de avaliar a presença de comportamentos impulsivos em função do consumo de substâncias, foi utilizada a regressão linear, através do método *stepwise*. Assim, foi possível encontrar um modelo estatisticamente significativo, com preditores de consumo de canábis no último ano e consumo de álcool no último mês, $Z = 16.376$, $p < .001$, com ajustamento de $R = .368$, que explica 12.7% da variância da impulsividade para o consumo de substâncias. Uma análise detalhada do efeito de cada um dos preditores encontrados pode ser encontrados na Tabela 14.

Tabela 14

Impulsividade e Consumo de Substâncias

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro	β	<i>t</i>	<i>p</i>
(Constante)	64.424	1.135		56.773	<.001
Consumo de canábis no último ano	-1.281	.331	-.261	-3.865	<.001
Consumo de álcool nos últimos 30 dias	-1.164	.406	-.193	-2.869	.005

Nota: $R = .368$, $R^2 = .135$, $Z = 16.376$, $p < .001$

Com o intuito de compreender mais detalhadamente o efeito da impulsividade em cada substância estudada, foram feitas análises isoladas das diferentes substâncias (álcool, tabaco, cocaína e canábis). Relativamente ao consumo de álcool foi encontrado um modelo estatisticamente significativo, com preditor de consumo de álcool no último mês, $Z = 16.704$, $p < .001$, com ajustamento de $R = .271$, que explica 6.9% da variância da impulsividade no consumo de álcool. No que diz respeito ao consumo de tabaco foi também possível estabelecer um modelo estatisticamente significativo, com preditores de consumo de tabaco nos últimos 7 dias, no último mês e no último ano, $Z = 7.786$ $p < .001$, com ajustamento de $R = .318$, que explica 0.88% da variância da impulsividade em função do consumo de tabaco. No que concerne ao consumo de cocaína, foi possível estabelecer um modelo estatisticamente significativo, com preditor de consumo de cocaína ao longo da vida, $Z = 18.767$, $p < .001$, com ajustamento de $R = .286$, que explica 7.8% da variância da impulsividade para o consumo de cocaína. Por fim, relativamente à substância canábis foi encontrado modelo estatisticamente significativo, com preditor de consumo de canábis no último ano, $Z = 23.702$, $p < .001$, com ajustamento de $R = .318$, que explica 9.7% da variância impulsividade para o consumo da substância canábis.

Suporte Social e Consumo de Substâncias

Recorrendo à regressão linear, através do método *stepwise*, com o intuito de avaliar a presença de suporte social em função do consumo de substâncias foi possível encontrar um modelo estatisticamente significativo, com preditores de consumo de cocaína no último mês, $Z = 4.309$, $p < .05$, com ajustamento de $R = .142$, que explica 1.5% da variância da percepção de suporte social para o consumo de substâncias. Uma análise mais refinada do efeito dos preditores pode ser encontrados na Tabela 15.

Tabela 15

Suporte Social e Consumo de Substâncias

Modelo	Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados		
	B	Erro	β	<i>t</i>	<i>p</i>

(Constante)	54.568	2.049		26.630	<.001
Consumo de cocaína nos últimos 30 dias	-3.762	1.812	-.142	-2.076	.039

Nota. $R = .142$, $R^2 = .020$, $Z = 4.309$, $p = .039$

Discussão

O principal objetivo do presente estudo foi compreender a possível relação dos comportamentos de risco online que impactam a adição a diferentes substâncias, correlacionando-os com a impulsividade e o suporte social em jovens adultos. Com o intuito de responder aos objetivos específicos, foram analisadas as variáveis dos comportamentos de risco online, do consumo de substâncias, da impulsividade e do suporte social em função de variáveis sociodemográficas como a idade e o sexo, numa amostra de 212 jovens adultos Portugueses.

Com base na análise dos resultados do presente estudo, constata-se que os mesmos estão, genericamente, em consonância com a literatura. No que concerne à H1, existe uma relação entre as dependências, com e sem substância, foi possível encontrar um modelo estatisticamente significativo entre as duas variáveis, que apresenta como preditores os comportamentos de risco online, o consumo de canábis no último mês e de cocaína nos últimos sete dias. Tais resultados vão ao encontro dos diferentes estudos, nomeadamente, numa amostra de universitários foi possível compreender que as dependências comportamentais, principalmente as associadas à internet, estão diretamente interligadas não só com o consumo de substâncias, mas também com a solidão, abstinência e sentimentos depressivos (Frangos, 2009). Também Liu e Potenza (2010) concluíram que o uso problemático da Internet compartilha características com a dependência de substâncias, nomeadamente na dificuldade de controlo de impulsos. Vários estudos encontraram comorbidades nos diagnósticos de dependências comportamentais e substâncias assim como os sintomas e mecanismos associados ao seu desenvolvimento e manutenção, sabendo-se assim que o consumo de substâncias pode facilmente ser substituído por outras dependências, devido aos seus mecanismos comuns (Albrecht et al., 2007; Alavi et al., 2012; Zou et al., 2017). Nos estudos de Hodgins e colaboradores (2017) e DiClemente (2018) estes também estabeleceram uma relação entre o consumo de canábis e a sua substituição por outras dependências, na maioria dos participantes. Apenas uma minoria, cerca de 14%, não relatou a substituição de dependências. De facto, a procura de sensações e novidades é um preditor significativo para a dependência da Internet e o uso de substâncias na população jovem (Lavin et al., 1999; Lin & Tsai, 2002; Ko et al., 2006; Kou et al., 2002; Masse & Tremblay, 1997).

No que concerne às diferenças etárias na presença de comportamentos de risco online

foram encontrados resultados significativos (H2). Estes resultados relacionam positivamente a idade e a dimensão da discriminação online. Contudo, relativamente a esta relação a literatura não é consensual. Alguns estudos encontraram prevalências de dependência online mais altas e mais graves entre os mais jovens, nomeadamente crianças e adolescentes, devido à sua imaturidade e escassos conhecimentos sobre possíveis riscos online (Álvarez-García et al., 2015; Jafari et al., 2014; White et al., 2015). Enquanto outros, encontraram evidências que coloca a faixa etária relativa a jovens adultos como a mais provável de apresentar comportamentos de risco online, uma vez que estes jovens são mais propensos a utilizar mais frequentemente a internet e, por isso, apresentam maior suscetibilidade a correr riscos online dado que, na maioria das vezes, estes jovens não assumem determinadas atividades online como potenciadoras de riscos (Carcelén-García et., 2023; Muñoz-Rivas et al., 2010; Žardeckaitė-Matulaitienė & Paluckaitė, 2016). Outros estudos, nomeadamente o de Balsas e colaboradores (2018) estabelecem em Portugal a população mais jovem (15-24 anos) como a mais propensa à exposição a riscos online devido, consequentemente, à maior frequência de utilização da internet. Assim, alguns estudos afirmam que à medida que os jovens amadurecem, estes consequentemente melhoram as suas competências digitais e, assim, diminuem a sua vulnerabilidade a risco online, uma vez que se tornam mais conscientes da presença destas, utilizando mais racionalmente as ferramentas digitais (Carcelén-García et., 2023; Encinas, & González, 2010; Fu & Cook, 2021; García et al., 2014; Lopez-Sintas et al., 2020). Ademais, em diversos estudos não foi possível encontrar diferenças estatisticamente significativas entre a idade e a presença de comportamentos de risco online na utilização da internet (Fonseca, 2014; Hashim et al., 2009; Saraiva, 2012; Stafford et al., 2004).

Relativamente à presença de diferenças de género nas dependências comportamentais, nomeadamente na exposição a riscos online (H3), foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na subescala cyber violência e na discriminação online, sendo as pontuações médias superiores entre os rapazes. Embora muitos sejam os estudos que estabelecem diferenças de género na dependência a diversas substâncias, no que concerne à correlação desta variável com as dependências comportamentais os estudos são escassos. Contudo, os resultados encontrados no presente estudo, são conducentes com os resultados encontrados na literatura, uma vez que foram encontradas evidências que diferenciam o propósito da utilização da internet entre homens e mulheres. Deste modo, os estudos demonstram que o sexo feminino utiliza a internet com o intuito de se comunicar e adquirir diversas informações, enquanto os homens utilizam a internet para fins de entretenimento e prazer primordialmente (Lau & Yuen, 2013; Noguti et al., 2019; Notten & Nikken, 2014;

Pujazon-Zazik & Park, 2010; Saraiva, 2012; Sasson & Mesch, 2016; Sue t al., 2020; Weiser, 2009; Yang & Lester, 2004). Concomitantemente aos resultados encontrados, foram encontradas evidências que demonstram que o sexo masculino tende a ter menos cuidados na divulgação de informação online e, por isso, encontra-se conseqüentemente mais exposto a riscos online do que as mulheres (Floros et al., 2010; Kormas et al., 2011; Lau & Yuen, 2013; Madden et al., 2013; Moreno et al., 2014; Muñoz-Rivas et al., 2010; Notten & Nikken, 2016; Sasson & Mesch, 2016; Shaw & Black, 2008). Em diversos estudos que tinham como intuito compreender os comportamentos de risco online mais prevalentes nos distintos sexos foi possível confirmar que os homens utilizam a internet com o propósito de jogar online e frequentar sites de pornografia, enquanto as mulheres têm como primordial objetivo as compras online (Fattore et al., 2014; Johansson & Gotestam, 2004; MacLaren & Best, 2010). Deste modo, a maior preponderância masculina na presença de comportamentos de risco online pode ser consequência do seu maior interesse na maioria das atividades que têm sido associadas ao uso problemático da internet, como jogo patológico e pornografia (Calado et al., 2017; Cooper et al., 2002; Fattore et al., 2014; Poli & Agrimi, 2012; Wardle, 2019). Concomitantemente, a literatura afirma que as raparigas tendem a ter percepções de risco mais elevadas, sobretudo quanto a consumos mais regulares ou intensos da internet (Carapinha & Lavado 2020); no entanto, em alguns estudos, foi encontrada a tendência contrária, colocando as mulheres como as mais propensas a colocar-se em risco (Boubeta et al., 2015; Durkee et al., 2012).

Relativamente à prevalência de consumo em função do sexo foram encontradas diferenças significativas na maioria dos consumos (H4). Em relação ao género no presente estudo são os homens que consomem mais substâncias. Foi também possível compreender que os consumos são mais prevalentes e frequentes na população mais jovem da amostra. Tais resultados vão ao encontro da literatura, nomeadamente com o estudo de Balsas e colaboradores (2018). Estes encontraram prevalências superiores entre o sexo masculino independentemente das substâncias. Concomitantemente, no estudo de Lima e colaboradores (2017), numa amostra de jovens universitários, também foi possível identificar como maiores consumidores de álcool e drogas ilícitas os estudantes do sexo masculino. Embora tradicionalmente o consumo de substâncias seja considerado um problema específico dos homens devido a uma maior prevalência de consumidores masculinos, diversos estudos comparam a variável género quanto aos padrões de consumo de álcool, tabaco e canábis constatando que o sexo feminino apesar de se envolver mais tardiamente nos consumos, progride mais rapidamente no desenvolvimento de uma dependência em comparação ao sexo

masculino (Fattore et al., 2008; Hernandez-Avila et al., 2004; Kandel et al., 1997; Westermeyer & Boedicker, 2000; Zakiniaez & Potenza, 2018), ainda que os homens tenham mais oportunidades de experimentar substâncias (Chen & Kandel, 2002; Etten et al., 1999). Resumindo, geralmente os homens são mais consumidores de substâncias e dependentes da internet do que as mulheres. Assim a predisposição para o consumo depende de construtos como a motivação, impulsividade e diferenças biológicas e socioculturais. Contudo, o sexo feminino é mais propenso a procurar ajuda ainda que, muitas vezes, encontre maior estigma e menos apoio social comparativamente aos homens (Zakiniaez & Potenza, 2018).

Relativamente à influência do género e da idade na impulsividade não foram encontradas evidências estatisticamente significativas no presente estudo (H5). Tais resultados vão ao encontro dos de Kaltenegger e colaboradores (2019). Os autores compreenderam que a impulsividade é comum entre os géneros e faixas etárias, não sendo possível estabelecer diferenças. Contrariamente aos resultados encontrados, Cyders (2011) descobriu que, embora os homens relatem níveis mais elevados de urgência positiva e procura de sensações do que as mulheres, essas diferenças não interferem no consumo de substâncias. Sabe-se também que os comportamentos impulsivos são particularmente intensificados durante a adolescência (Argyriou et al., 2018). A elevada impulsividade encontra-se também associada à idade mais jovem de início devido ao aumento da procura por novidades (Prisciandaro, 2012). Assim, os níveis de impulsividade são mais elevados nos adolescentes que consomem substâncias, sendo as mulheres mais impulsivas do que os homens, particularmente nos aspetos motores (Galván et al., 2019). Supõe-se que o desenvolvimento neuronal ao longo da vida influencie os processos de tomada de decisão, o que por sua vez afeta a suscetibilidade para o uso de substâncias devido a maturações de diferentes regiões cerebrais (Argyriou et al., 2018).

Relativamente à H6, que refere que as dependências se relacionam com o suporte social, os resultados são estatisticamente significativos na maioria das dimensões, demonstrando que os comportamentos de risco online estão interligados com a perceção de suporte social dos inquiridos, sendo possível estabelecer uma correlação significativa com os comportamentos de risco online e a satisfação com as amizades e com a intimidade. Estes resultados vão ao encontro da revisão da literatura, que prevê a presença de um maior número de comportamentos dependentes, quando a perceção de suporte social é deficitária, incluindo o consumo de álcool (McCrary et al., 2006), de canábis e de outras drogas ilícitas (Choi et al., 2016), assim como nas demais dependências comportamentais, incluindo o uso excessivo da internet (Kim & Hancock, 2015; Kim & Hodgins, 2018; Thomas et al., 2009; Waltberg et al.,

2017).

Relativamente à H7, previu-se constatar que existe uma relação entre as dependências com e sem substâncias e a impulsividade, os resultados são estatisticamente significativos em quase todas as dimensões, demonstrando que os comportamentos de risco online estão interligados com os comportamentos impulsivos dos jovens adultos. Foi também encontrado um modelo estatisticamente significativo, com preditores de consumo de canábis no último ano e consumo de álcool no último mês relativamente à impulsividade. Relativamente ao modelo dos comportamentos de risco online e a impulsividade foi encontrado um modelo estatisticamente significativo, com preditores como a procura de sensações e a falta de perseverança. A dependência da internet e o consumo de álcool compartilham características comuns que podem levar à impulsividade (Hwang et al., 2014). Deste modo, a impulsividade desempenha um papel preponderante como fator de risco para comportamentos geradores de dependências, como a adição à internet e o consumo de substâncias, principalmente o consumo excessivo de álcool (Kaltenegger et al., 2019; Smith et al., 2007), assim como no desenvolvimento e na manutenção das adições (Brooks et al., 2017; Ouzir & Errami, 2016; Verdejo-García et al., 2008), uma vez que a dependência de substâncias está associada à impulsividade pelo sentimento de recompensa (Dalley et al., 2011; Poulton & Hester, 2019). Vários são os estudos que demonstram uma associação entre a impulsividade e a dependência a substâncias e comportamentais, assumindo-se como um fator de risco robusto para o seu desenvolvimento (Kaltenegger et al., 2019; Loree et al., 2015; Verdejo- García et al., 2008). Pessoas com maiores níveis de impulsividade tendem a envolver-se em comportamentos problemáticos como o uso desadaptativo do telemóvel e da internet (Billieux et al., 2008) e a visualização de pornografia na internet (Sharma et al., 2014; Wetterneck et al., 2012). Contudo, é frequente encontrar inconsistências na revisão de resultados devido às características da amostra e às correlações entre as variáveis predictoras (Cyders et al., 2009; Lynam & Miller, 2004; Magid & Colder, 2007; Miller et al., 2003; Whiteside & Lynam, 2009; Whiteside et al., 2005). Algumas evidências científicas, nomeadamente a de Shin e colegas (2012), descobriram que a procura de sensações e a urgência negativa eram os preditores mais consistentes da presença de consumos de álcool. Coskupinar e colaboradores (2013) descobriram que, embora a impulsividade, em geral, estivesse relacionada com o uso de álcool, a urgência negativa era a única faceta da impulsividade que previa a dependência do álcool e dos problemas associados. Billieux e colaboradores (2008) no seu estudo compreendeu que o uso desadequado do telemóvel é previsto por dimensões da impulsividade como a urgência positiva e a procura de sensações, assim como pela baixa premeditação das

ações. A urgência é o componente da impulsividade que está mais fortemente relacionado com os vários aspetos do uso real e problemático do telemóvel (Billieux et al., 2008).

Conclusão

De acordo com a revisão teórica que serviu de base à presente investigação, pretendeu-se compreender a relação entre os comportamentos de risco online, o consumo de substâncias, o suporte social e a impulsividade de uma amostra de jovens adultos portugueses. Deste modo, o principal objetivo prendeu-se com estudar a relação entre as dependências com e sem substâncias com a impulsividade e o suporte social, assim como a sua ligação com características sociodemográficas estudadas largamente na literatura mundial. Contudo, a nível nacional os comportamentos de risco online, apesar de constantemente estudados, apresenta uma escassa validação de instrumentos que permitam avaliar a sua presença. Deste modo, considero que a adaptação de um instrumento que permita avaliar este construto, de certa forma, fornecem alguma novidade à comunidade científica académica, especialmente quando estudada em conjunto com as demais variáveis deste estudo.

O uso da internet associado ao crescente avanço nas tecnologias, tem-se tornado um aspeto imprescindível no quotidiano dos indivíduos. Embora esta utilização não possua obrigatoriamente uma componente patológica, esta muitas vezes é utilizada de forma desadaptativa, provocando dependência e conseqüentemente, prejuízo clinicamente significativo (Micheli et al., 2021).

Os resultados do presente estudo confirmam que tanto as dependências a substância, como a impulsividade e o suporte social, desempenham um papel preponderante nos possíveis problemas relacionados com o uso inadequado da internet. Deste modo, a saúde psicológica pode ser um fator de prevenção para o desenvolvimento de uma dependência (Zhang et al., 2015).

No que concerne aos resultados obtidos, verifica-se que na maioria das hipóteses formuladas foram encontradas diferenças estatisticamente significativas. Apesar de nem sempre as correlações encontradas serem as pretendidas, as quatro variáveis dependentes encontram-se correlacionadas. Tais resultados podem ser explicados devido ao tamanho reduzido da amostra, recolhida por conveniência. O facto de no presente estudo ter sido aplicado um instrumento ainda em adaptação, atrasou a recolha o que se refletiu no número de participantes, uma vez que no início da recolha os jovens adultos não aderiram ao preenchimento dos questionários devido ao preenchimento de uma grande quantidade ao longo dos meses anteriores relativo a outros trabalhos de mestrado. Também a larga extensão do questionário e a sua aplicação online levou a desistência de alguns participantes durante o

seu preenchimento, pois este formato não permitiu o esclarecimento de dúvidas no momento de preenchimento, assim como não foi possível aplicar os instrumentos de forma *standard*, sendo que tais fatores podem produzir viés nos resultados. Posto isto, reconhece-se também que a par da inexistência de um grupo piloto, estas são as principais limitações deste estudo. Contudo, em termos gerais, este estudo entra em consonância com os resultados de vários autores.

Foram também encontrados ao longo do trabalho alguns viés, traduzidos em aquiescência, erros escalares e *missing*. Estes fatores limitam a generalização dos resultados obtidos. Por esse motivo, sugere-se a realização de novos estudos, mais inclusivos e extensos, de forma a compreender melhor este processo de dependência. Posto isto, importa sermos cautelosos em relação às conclusões do presente estudo.

Os resultados deste estudo são interessantes do ponto de vista da sua inovação, devido à sua implicação para a prática psicológica, ou seja, este pode ser considerado como um ponto de partida para futuras investigações neste âmbito, de modo a compreender melhor o fenómeno dos comportamentos de risco online em relação com as dependências a substâncias. A escolha da população analisada prende-se com o facto de se tratar de uma população com maior probabilidade de apresentar comportamentos aditivos. Posto isto, reforça-se a necessidade de promoção de competências pessoais e sociais junto dos jovens adultos, com o intuito de os consciencializar e informar sobre os potenciais riscos associados as dependências e, dessa forma os capacitar nas suas escolhas, minimizando possíveis danos.

Referências Bibliográficas

- Alavi, S., Ferdosi, M., Jannatifard, F., Eslami, M., Alaghemandan, H., & Setare, M. (2012). Behavioral addiction versus substance addiction: Correspondence of psychiatric and psychological views. *International journal of preventive medicine*, 3(4), 290–294.
- Albrecht, U., Kirschner, N., & Grüsser, S. (2007). Diagnostic instruments for behavioural addiction: An overview. *GMS Psycho-Social Medicine*, 4, 3-16.
- Alimoradi, Z., Lin, C., Broström, A., Bülow, P., Bajalan, Z., Griffiths, M., Ohayon, M., & Pakpour, A. (2019). Internet addiction and sleep problems: A systematic review and meta-analysis. *Sleep Medicine Reviews*, 47, 51–61. <https://doi.org/10.1016/j.smrv.2019.06.004>
- Al-Kandari, Y., & Al-Sejari, M. (2021). Social isolation, social support and their relationship with smartphone addiction. *Information, Communication & Society*, 24(13), 1925–1943. <https://doi.org/10.1080/1369118X.2020.1749698>
- Álvarez-García, D., Dobarro, A., & Núñez, J. (2015). Validez y fiabilidad del Cuestionario de cibervictimización en estudiantes de Secundaria. *Aula Abierta*, 43(1), 32–38. <http://dx.doi.org/10.1016/j.aula.2014.11.001>
- Álvarez-García, D., Pérez, J., González, A. D., & Pérez, C. R. (2015). Risk factors associated with cybervictimization in adolescence. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 15(3), 226–235. <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2015.03.002>.
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de perturbações mentais*. Artmed Editora.
- Andreassen, C., Billieux, J., Griffiths, M., Kuss, D., Demetrovics, Z., Mazzoni, E., & Pallesen, S. (2016). The relationship between addictive use of social media and video games and symptoms of psychiatric disorders: A large-scale cross-sectional study. *Psychology of Addictive Behaviors*, 30(2), 252–262. <https://doi.org/10.1037/adb0000160>
- Andreassen, C., & Pallesen, S. (2013). Facebook addiction: A reply to Griffiths (2012). *Psychological Reports*, 113(3), 899–902. <https://doi.org/10.2466/02.09.PR0.113x32>
- Araoz, E., & Ramos, N. (2020). Funcionamiento familiar y adicción a redes sociales en estudiantes de educación secundaria de Puerto Maldonado. *Revista San Gregorio*, 40, 101–117. <https://doi.org/http:10.36097/rsan.v1i40.1393>
- Ardila, A., & Solís, F. (2008). Desarrollo histórico de las funciones ejecutivas. *Revista Neuropsicología, Neuropsiquiatría y Neurociencias*, 8(1), 1–21.
- Argyriou, E., Um, M., Carron, C., & Cyders, M. A. (2018). Age and impulsive behavior in drug addiction: A review of past research and future directions. *Pharmacology Biochemistry and Behavior*, 164, 106–117. <https://doi.org/10.1016/j.pbb.2017.07.013>

- Arrivillaga, C., Peña, L., & Pacheco, N. (2021). Perfil emocional de adolescentes en riesgo de un uso problemático de internet. *Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes*, 8(1), 47–53. <http://dx.doi.org/10.21134/rpcna.2021.08.1.6>
- Azizi, S., Soroush, A., & Khatony, A. (2019). The relationship between social networking addiction and academic performance in Iranian students of medical sciences: a cross-sectional study. *BMC Psychology*, 7(1), 1–8. <https://doi.org/10.1186/s40359-019-0305-0>
- Bahji, A., Mazhar, M., Hudson, C., Nadkarni, P., MacNeil, B., & Hawken, E. (2019). Prevalence of substance use disorder comorbidity among individuals with eating disorders: A systematic review and meta-analysis. *Psychiatry research*, 273, 58–66. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.01.007>
- Balakrishnan, J., & Griffiths, M. (2017). Social media addiction: What is the role of content in YouTube?. *Journal of Behavioral Addictions*, 6(3), 364–377. <https://doi.org/10.1556/2006.6.2017.058>
- Balsa, C., Vital, C., & Urbano, C. (2018). *IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2016/17*. SICAD. <http://hdl.handle.net/10362/50441>
- Balsa, C., Vital C., & Urbano C. (2014). *III Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2012*. SICAD.
- Barratt, E. (1983). Impulsivity: Cognitive, behavioral, and psychophysiological correlates. *Biological Bases of Sensation Seeking, Impulsivity, and Anxiety*, 3, 39-56.
- Bechara, A. (2005). Decision making, impulse control and loss of willpower to resist drugs: A neurocognitive perspective. *Nature Neuroscience*, 8(11), 1458–1463. <https://doi.org/10.1038/nn1584>
- Berridge, V., & Mars, S. (2004). History of addictions. *Journal of Epidemiology & Community Health*, 58(9), 747–750. <http://dx.doi.org/10.1136/jech.2003.015370>
- Billieux, J., Schimmenti, A., Khazaal, Y., Maurage, P., & Heeren, A. (2015). Are we overpathologizing everyday life? A tenable blueprint for behavioral addiction research. *Journal of Behavioral Addictions*, 4(3), 119–123. <http://dx.doi.org/10.1556/2006.4.2015.009>
- Billieux, J., Thorens, G., Khazaal, Y., Zullino, D., Achab, S., & Van der Linden, M. (2015). Problematic involvement in online games: A cluster analytic approach. *Computers in Human Behavior*, 43, 242–250. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.10.055>
- Billieux, J., Van der Linden, M., & Rochat, L. (2008). The role of impulsivity in actual and problematic use of the mobile phone. *Applied Cognitive Psychology: The Official Journal of the Society for Applied Research in Memory and Cognition*, 22(9), 1195–1210.

<https://doi.org/10.1002/acp.1429>

- Boubeta, A., Ferreira, S., Salgado, P., & Couto, C. (2015). Variables asociadas al uso problemático de internet entre adolescentes. *Salud y Drogas*, 15(1), 25–38.
- Brewer, J., & Potenza, M. (2008). The neurobiology and genetics of impulse control disorders: Relationships to drug addictions. *Biochemical Pharmacology*, 75(1), 63-75.
<https://doi.org/10.1016/j.bcp.2007.06.043>
- Brooks, S. J., Lochner, C., Shoptaw, S., & Stein, D. J. (2017). Using the research domain criteria (RDoC) to conceptualize impulsivity and compulsivity in relation to addiction. *Progress in Brain Research*, 235, 177–218. <https://doi.org/10.1016/bs.pbr.2017.08.002>
- Cabral, F., Pereira, M., & Teixeira, C. (2018). Internet, physical activity, depression, anxiety and stress. *PsychTech & Health Journal*, 2(1), 15–27. <http://dx.doi.org/10.26580/PTHJ.art10-2018>
- Calado, F., Alexandre, J., & Griffiths, M. D. (2017). Prevalence of adolescent problem gambling: A systematic review of recent research. *Journal of Gambling Studies*, 33, 397–424.
<https://doi.org/10.1007/s10899-016-9627-5>
- Canesqui, A., & Barsaglini, R. (2012). Apoio social e saúde: Pontos de vista das ciências sociais e humanas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(5), 1103–1114. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000500002>
- Caplan, S. (2002). Problematic Internet use and psychosocial well-being: Development of a theory-based cognitive-behavioral measurement instrument. *Computers in Human Behavior*, 18(5), 553–575. [https://doi.org/10.1016/S0747-5632\(02\)00004-3](https://doi.org/10.1016/S0747-5632(02)00004-3)
- Caplan, S. (2010). Theory and measurement of generalized problematic Internet use: A two-step approach. *Computers in Human Behavior*, 26(5), 1089–1097.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.012>
- Carbonell, X., Chamarro, A., Griffiths, M., Oberst, U., Cladellas, R., & Talam, A. (2012). Uso problemático de Internet y móvil en adolescentes y jóvenes españoles. *Anales de Psicología/Annals of Psychology*, 28(3), 789–796.
<https://doi.org/10.6018/analesps.28.3.156061>
- Carapinha, L., & Calado, V. (2018). Comportamentos Aditivos aos 18 anos. Inquérito aos jovens participantes no Dia da Defesa Nacional – 2019. *Redes*, 30(2), 1-22.
- Carapinha, L. (2023). Inquérito sobre Comportamentos Aditivos em Jovens Internados em Centros Educativos 2015. SICAD.
- Carapinha, L., Guerreiro, C., & Ferreira, L. (2016). Como é o consumo de canábis em Portugal?. Resultados do Inquérito Online Europeu sobre Drogas – Padrões de Consumo Portugal 2021. SICAD.

- Carbonell, X., Fúster, H., Chamarro, A., & Oberst, U. (2012). Adicción a internet y móvil: Una revisión de estudios empíricos españoles. *Papeles del psicólogo*, 33(2), 82–89.
- Carcelén-García, S., Díaz-Bustamante Ventisca, M., & Galmes-Cerezo, M. (2023). Young people's perception of the danger of risky online activities: Behaviours, emotions and attitudes associated with their digital vulnerability. *Social Sciences*, 12(3), 164–178.
<https://doi.org/10.3390/socsci12030164>
- Cardoso, D. (2012). A cultura do quarto e o uso excessivo da internet. Resultados nacionais do inquérito EU Kids Online. *Crianças e Internet em Portugal. Acessos, usos, riscos, mediações: Resultados do Inquérito Europeu EU Kids Online*. Edições Minerva, 57–73.
- Carras, M., Van Rooij, A., Van de Mheen, D., Musci, R., Xue, Q., & Mendelson, T. (2017). Video gaming in a hyperconnected world: A cross-sectional study of heavy gaming, problematic gaming symptoms, and online socializing in adolescents. *Computers in Human Behavior*, 68, 472–479. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.11.060>
- Casey, B., Somerville, L., Gotlib, I., Ayduk, O., Franklin, N., Askren, M., & Shoda, Y. (2011). Behavioral and neural correlates of delay of gratification 40 years later. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 108(36), 14998–15003.
<https://doi.org/10.1073/pnas.1108561108>
- Chamarro, A., Oberst, U., Sánchez-Carbonell, X., Beranuy, M., & Castellana, M. (2008). La adicción a Internet y al móvil: ¿moda o trastorno?. *Adicciones*, 20(2), 149–159.
- Chang, K., Li, X., Zhang, L., & Zhang, H. (2022). A double-edged impact of social smartphone use on smartphone addiction: A parallel mediation model. *Frontiers in Psychology*, 13, 808192. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2022.808192>
- Chen, K., & Kandel, D. (2002). Relationship between extent of cocaine use and dependence among adolescents and adults in the United States. *Drug and Alcohol Dependence*, 68(1), 65–85.
[https://doi.org/10.1016/S0376-8716\(02\)00086-8](https://doi.org/10.1016/S0376-8716(02)00086-8)
- Cheung, Y., Chan, C., Wang, M., Li, H., & Lam, T. (2017). Online social support for the prevention of smoking relapse: A content analysis of the WhatsApp and Facebook social groups. *Telemedicine and e-Health*, 23(6), 507–516. <https://doi.org/10.1089/tmj.2016.0176>
- Choi, N., DiNitto, D., & Marti, C. (2016). Older marijuana users: Life stressors and perceived social support. *Drug and Alcohol Dependence*, 169, 56–63.
<https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2016.10.012>
- Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine*, 38(5), 300–314. <https://doi.org/10.1097/00006842-197609000-00003>
- Cooper, A., Morahan-Martin, J., Mathy, R., & Maheu, M. (2002). Toward an increased

- understanding of user demographics in online sexual activities. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28(2), 105–129.
- Corradi-Webster, C., Braga, C., & dos Santos, M. (2020). Consumo de drogas, rede e apoio social entre pacientes psiquiátricos ambulatoriais. *Avaliação Psicológica*, 19(2), 132–141. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1902.03>
- Coskunpinar, A., Dir, A., & Cyders, M. (2013). Multidimensionality in impulsivity and alcohol use: A meta-analysis using the UPPS model of impulsivity. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 37(9), 1441–1450. <https://doi.org/10.1111/acer.12131>
- Cyders, M., Littlefield, A., Coffey, S., & Karyadi, K. (2014). Examination of a short English version of the UPPS-P Impulsive Behavior Scale. *Addictive Behaviors*, 39(9), 1372–1376. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2014.02.013>
- D'Acremont, M., & Linden, M. (2005). Adolescent impulsivity: Findings from a community sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 34(5), 427–435. <https://doi.org/10.1007/s10964-005-7260-1>
- Dalley, J., Everitt, B., & Robbins, T. (2011). Impulsivity, compulsivity, and top-down cognitive control. *Neuron*, 69(4), 680–694. <http://dx.doi.org/10.1016/j.neuron.2011.01.020>
- de Almeida, R., Trentini, L., Klein, L., Macuglia, G., Hammer, C., & Tesmmer, M. (2014). Uso de álcool, drogas, níveis de impulsividade e agressividade em adolescentes do Rio Grande do Sul. *Psico*, 45(1), 65–72. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2014.1.12727>
- Deckman, T., & DeWall, C. (2011). Negative urgency and risky sexual behaviors: A clarification of the relationship between impulsivity and risky sexual behavior. *Personality and Individual Differences*, 51(5), 674–678. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.06.004>
- Del Castillo, J. (2013). Adicciones tecnológicas: El auge de las redes sociales. *Health and Addictions*, 13(1), 5–13.
- Dellu-Hagedorn, F., Trunet, S., & Simon, H. (2004). Impulsivity in youth predicts early age-related cognitive deficits in rats. *Neurobiology of Aging*, 25(4), 525–537. <https://doi.org/10.1016/j.neurobiolaging.2003.06.006>
- Delgado, A., García, M., Rodríguez, M., García, L., Iglesias, A., Suarez, L., & Valverde, P. (2012). *Uso y riesgo de adicciones a las nuevas tecnologías entre adolescentes y jóvenes andaluces*. Agua Clara.
- Diana, M. (2011). The dopamine hypothesis of drug addiction and its potential therapeutic value. *Frontiers in Psychiatry*, 2, 64–65. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2011.00064>
- Dias, P., Cadime, I., Del Castillo, J., Marzo, J., Del Castillo-Lopez, A., & Sanchez, C. (2020). Problematic Internet and Facebook use and online gaming among university students: An

- exploratory study. *Psihologija*, 54(4), 319–240. <http://dx.doi.org/10.2298/PSI190129012D>
- DiClemente, C. (2018). *Addiction and change: How addictions develop and addicted people recover*. Guilford Publications.
- Diotaiuti, P., Mancone, S., Corrado, S., De Risio, A., Cavicchiolo, E., Girelli, L., & Chirico, A. (2022). Internet addiction in young adults: The role of impulsivity and codependency. *Frontiers in Psychiatry*, 13, 893861.
- Duckworth, A., & Kern, M. (2011). A meta-analysis of the convergent validity of self-control measures. *Journal of Research in Personality*, 45(3), 259–268. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2011.02.004>
- Duell, N., & Steinberg, L. (2019). Positive risk taking in adolescence. *Child Development Perspectives*, 13(1), 48–52. <https://doi.org/10.1111/cdep.12310>
- Durkee, T., Kaess, M., Carli, V., Parzer, P., Wasserman, C., Floderus, B., & Wasserman, D. (2012). Prevalence of pathological internet use among adolescents in Europe: Demographic and social factors. *Addiction*, 107(12), 2210–2222. <https://doi.org/10.1111/j.1360-0443.2012.03946.x>
- Echeburúa, E., & De Corral, P. (2010). Adicción a las nuevas tecnologías ya las redessociales en jóvenes: Un nuevo reto. *Adicciones*, 22(2), 91–95.
- Elhai, J., Dvorak, R., Levine, J., & Hall, B. (2017). Problematic smartphone use: A conceptual overview and systematic review of relations with anxiety and depression psychopathology. *Journal of Affective Disorders*, 207, 251–259. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2016.08.030>
- Encinas, F., & González, S. (2010). Menores y nuevas tecnologías: Conductas indicadoras de posible problema de adicción. *Psicothema*, 22(2), 180–188.
- Estévez, L., Bayón, C., De la Cruz, J., & Liria, A. (2009). Uso y abuso de Internet en adolescentes. *Adicción a las Nuevas Tecnologías en Adolescentes y Jóvenes*, 101–130.
- Etten, M., Neumark, Y., & Anthony, J. (1999). Male-female differences in the earliest stages of drug involvement. *Addiction*, 94(9), 1413–1419. <https://doi.org/10.1046/j.1360-0443.1999.949141312.x>
- European School Survey Project on Alcohol and Drugs (2011). Substance use among students in 36 european countries.
- Eysenck, H. (1993). The nature of impulsivity. *The impulsive client: Theory, research, and treatment*. 57–69. <https://doi.org/10.1037/10500-004>
- Faber, R., Christenson, G., Zwaan, M., & Mitchell, J. (1995). Two forms of compulsive consumption: Comorbidity of compulsive buying and binge eating. *Journal of Consumer Research*, 22(3), 296–304. <https://doi.org/10.1086/209451>

- Farstad, S., Von Ranson, K., Hodgins, D., El-Guebaly, N., Casey, D., & Schopflocher, D. (2015). The influence of impulsiveness on binge eating and problem gambling: A prospective study of gender differences in Canadian adults. *Psychology of Addictive Behaviors*, 29(3), 805–812. <https://doi.org/10.1037/adb0000069>
- Fattore, L., Altea, S., & Fratta, W. (2008). Sex differences in drug addiction: A review of animal and human studies. *Women's Health*, 4(1), 51–65. <https://doi.org/10.2217/17455057.4.1.51>
- Fattore, L., Melis, M., Fadda, P., & Fratta, W. (2014). Sex differences in addictive disorders. *Frontiers in neuroendocrinology*, 35(3), 272–284. <https://doi.org/10.1016/j.yfrne.2014.04.003>
- Ferigolo, M., Barbosa, F., Arbo, E., Malysz, A., Stein, A., & Barros, H. (2004). Drug use prevalence at FEBEM, Porto Alegre. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 26(1), 10–16. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462004000100006>
- Fernández, B., & Bravo, A. (2003). Impulsividad: Revisión histórica y conceptual. *Actas Españolas de Psiquiatría*, 31(4), 220–230.
- Fernandes, B., Maia, B., & Pontes, H. (2019). Adição à internet ou uso problemático da internet? Qual dos termos usar?. *Psicologia USP*, 30-40. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190020>
- Ferrando, P., & Lorenzo-Seva, U. (2018). Assessing the quality and appropriateness of factor solutions and factor score estimates in exploratory item factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*, 78(5), 762–780.
- Flores, M., & Solís, F. (2009). Secuelas en las funciones ejecutivas posteriores al traumatismo craneoencefálico en el adulto. *Revista Chilena de Neuropsicología*, 4(2), 127–137.
- Floros, G., Fisoun, V., & Siomos, K. (2010). Internet addiction in the Island of Hippokrates: Impact of gender and age in teenage use and abuse of the internet. *European Psychiatry*, 25(1), 1–204. [https://doi.org/10.1016/S0924-9338\(10\)70410-7](https://doi.org/10.1016/S0924-9338(10)70410-7)
- Fonseca, L. (2014). *Riscos percebidos pelos consumidores portugueses nas compras online* (Doctoral dissertation). <http://hdl.handle.net/10400.26/7459>
- Fortin, M. (2009). Fundamentos e etapas do processo de investigação. *Lusodidacta*.
- Frangos, C. (2009). Internet dependence in college students from Greece. *European Psychiatry*, 24(1), 1–10. [https://doi.org/10.1016/S0924-9338\(09\)70652-2](https://doi.org/10.1016/S0924-9338(09)70652-2)
- Fu, J., & Cook, J. (2021). Everyday social media use of young Australian adults. *Journal of Youth Studies*, 24(9), 1234–1250. <https://doi.org/10.1080/13676261.2020.1828843>
- Galván, G., García, R., MF, G., GB, Á., & DK, P. (2019). Impulsivity and gender in adolescents who use psychoactive substances of higher prevalence (alcohol, tobacco and cannabis). *Vertex (Buenos Aires, Argentina)*, 30(146), 297–307.

- Gálvez, B., Cervera, G., Haro, G., Rodríguez, E., Valderrama, J., & Castellano, M. (2004). Revisión histórica de la impulsividad desde una perspectiva artística, filosófica y psicopatológica. *Salud Mental*, 27(6), 28–33.
- Galduróz, J., Noto, A., Nappo, S., & Carlini, E. (2004). Trends in drug use among students in Brazil: Analysis of four surveys in 1987, 1989, 1993 and 1997. *Brazilian Journal of Medical and Biological Research*, 37(4), 523–531. <https://doi.org/10.1590/S0100-879X2004000400009>
- García, B., de Ayala López, M., & Jiménez, A. (2014). Los riesgos de los adolescentes en Internet: Los menores como actores y víctimas de los peligros de Internet. *Revista Latina de Comunicación Social*, 69, 462–485.
- Goodman, A. (1990). Addiction: Definition and implications. *British Journal of Addiction*, 85(11), 1403–1408. <https://doi.org/10.1111/j.1360-0443.1990.tb01620.x>
- Grant, J., Potenza, M., Weinstein, A., & Gorelick, D. (2010). Introduction to behavior addictions. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 36(5), 233–241. <https://doi.org/10.3109/00952990.2010.491884>
- Griffiths, M. (2005). A ‘components’ model of addiction within a biopsychosocial framework. *Journal of Substance Use*, 10(4), 191–197. <https://doi.org/10.1080/14659890500114359>
- Griffiths, M., Kuss, D., Billieux, J., & Pontes, H. (2016). The evolution of Internet addiction: A global perspective. *Addictive Behaviors*, 53, 193–195. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2015.11.001>
- Griffiths, M. (2019). The evolution of the “components model of addiction” and the need for a confirmatory approach in conceptualizing behavioral addictions. *Düşünen Adam: The Journal of Psychiatry and Neurological Sciences*, 36(3), 179–184. <https://doi.org/10.14744/DAJPNS.2019.00027>
- Guo, J., Huang, N., Fu, M., Ma, S., Chen, M., Wang, X., & Zhang, B. (2021). Social support as a mediator between internet addiction and quality of life among Chinese high school students. *Children and Youth Services Review*, 129, 106–181. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2021.106181>
- Hashim, A., Ghani, E. K., & Said, J. (2009). Does consumers’ demographic profile influence online shopping?: An examination using Fishbein’s Theory/Est-ce que le profile démographique des consommateurs influence les achats en ligne?: Une expertise en utilisant la Théorie de Fishbein. *Canadian Social Science*, 5(6), 19–32.
- Hatterer, L. (1982). The addictive process. *Psychiatric Quarterly*, 54(3), 149–156. <https://doi.org/10.1007/BF01064756>
- Helgeson, V. (2003). Social support and quality of life. *Quality of Life Research*, 12(1), 25–31.

<https://doi.org/10.1023/A:1023509117524>

- Hernandez-Avila, C., Rounsaville, B., & Kranzler, H. (2004). Opioid-, cannabis-and alcohol-dependent women show more rapid progression to substance abuse treatment. *Drug and Alcohol Dependence*, 74(3), 265–272. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2004.02.001>
- Herrero, J., Torres, A., Vivas, P., & Urueña, A. (2022). Smartphone addiction, social support, and cybercrime victimization: A Discrete Survival and Growth Mixture Model. *Psychosocial Intervention*, 31(1), 59–66. <https://dx.doi.org/10.5093/pi2022a3>
- Hodgins, D., Kim, H., & Stea, J. (2017). Increase and decrease of other substance use during recovery from cannabis use disorders. *Psychology of Addictive Behaviors*, 31(6), 727–734. <https://doi.org/10.1037/adb0000307>
- Hogarth, L. (2011). The role of impulsivity in the aetiology of drug dependence: Reward sensitivity versus automaticity. *Psychopharmacology*, 215(3), 567–580. <https://doi.org/10.1007/s00213-011-2172-0>
- Hwang, J., Choi, J., Gwak, A., Jung, D., Choi, S., Lee, J., Lee, Y., & Kim, D. (2014). Shared psychological characteristics that are linked to aggression between patients with Internet addiction and those with alcohol dependence. *Annals of General Psychiatry*, 13(1), 1–6. <https://doi.org/10.1186/1744-859X-13-6>
- Huansi, U. (2021). Funcionamiento familiar y adicción a redes sociales en estudiantes del nivel secundario. *Revista Muro de la Investigación*, 6(2), 60–76. <https://doi.org/10.17162/rmi.v6i2.1638>
- Hussain, Z., Wegmann, E., Yang, H., & Montag, C. (2020). Social networks use disorder and associations with depression and anxiety symptoms: A systematic review of recent research in China. *Frontiers in Psychology*, 11, 211-222. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00211>
- Inchley, J., Currie, D., Young, T., Samdal, O., Torsheim, T., Augustson, L., & Barnekow, V. (2016). Health Behaviour in School-Aged Children (HBSC). *Growing up unequal: HBSC*.
- Instituto Nacional de Estatística (2020). Sociedade da Informação e do Conhecimento: Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias.
- Jafari, H., Dadipoor, S., Haghighi, H., Ghanbarnejad, A., Zarei, E., & Moradabi, A. S. (2014). The relationship between demographic variables and Internet addiction among Medical university students in Bandar Abbas. *Life Science Journal*, 11(1), 122–126.
- Jiménez, M., & Domínguez, S. (2019). Uso problemático de internet en adolescentes españoles y su relación con autoestima e impulsividad. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(1), 103–119. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.5029>
- Joinson, A. (2001). Self-disclosure in computer-mediated communication: The role of self-awareness

- and visual anonymity. *European Journal of Social Psychology*, 31(2), 177–192.
<https://doi.org/10.1002/ejsp.36>
- Johansson, A., & Götestam, K. (2004). Internet addiction: Characteristics of a questionnaire and prevalence in Norwegian youth (12–18 years). *Scandinavian Journal of Psychology*, 45(3), 223–229. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9450.2004.00398.x>
- Jo, Y., Bhang, S., Choi, J., Lee, H., Lee, S., & Kweon, Y. (2019). Clinical characteristics of diagnosis for Internet Gaming Disorder: Comparison of DSM-5 IGD and ICD-11 GD diagnosis. *Journal of Clinical Medicine*, 8(7), 945–958. <https://doi.org/10.3390/jcm8070945>
- Jung, S., Sindermann, C., Li, M., Wernicke, J., Quan, L., Ko, H., & Montag, C. (2019). Anxiety-related coping styles, social support, and internet use disorder. *Frontiers in Psychiatry*, 10, 640–653. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00640>
- Kaltenegger, H., Låftman, S., & Wennberg, P. (2019). Impulsivity, risk gambling, and heavy episodic drinking among adolescents: A moderator analysis of psychological health. *Addictive Behaviors Reports*, 10, 100211-10020. <https://doi.org/10.1016/j.abrep.2019.100211>
- Kandel, D., Chen, K., Warner, L., Kessler, R., & Grant, B. (1997). Prevalence and demographic correlates of symptoms of last year dependence on alcohol, nicotine, marijuana and cocaine in the US population. *Drug and Alcohol Dependence*, 44(1), 11–29.
[https://doi.org/10.1016/S0376-8716\(96\)01315-4](https://doi.org/10.1016/S0376-8716(96)01315-4)
- Kardefelt-Winther, D., Heeren, A., Schimmenti, A., Van Rooij, A., Maurage, P., Carras, M., & Billieux, J. (2017). How can we conceptualize behavioural addiction without pathologizing common behaviours?. *Addiction*, 112(10), 1709–1715. <https://doi.org/10.1111/add.13763>
- Karim, R., & Chaudhri, P. (2012). Behavioral addictions: An overview. *Journal of Psychoactive Drugs*, 44(1), 5–17. <http://dx.doi.org/10.1080/02791072.2012.662859>
- Kim, S., & Hancock, J. (2015). Optimistic bias and Facebook use: Self-Other discrepancies about potential risks and benefits of facebook use. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 18(4), 214–220. <http://dx.doi.org/10.1089/cyber.2014.0656>
- Kim, H., & Hodgins, D. (2018). Component model of addiction treatment: A pragmatic transdiagnostic treatment model of behavioral and substance addictions. *Frontiers in Psychiatry*, 9, 406–415. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsy.2018.00406>
- Ko, C., Yen, J., Chen, C., Chen, S., Wu, K., & Yen, C. (2006). Tridimensional personality of adolescents with internet addiction and substance use experience. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 51(14), 887–894. <https://doi.org/10.1177/070674370605101404>
- Kormas, G., Critselis, E., Janikian, M., Kafetzis, D., & Tsitsika, A. (2011). Risk factors and psychosocial characteristics of potential problematic and problematic internet use among

- adolescents: A cross-sectional study. *BMC Public Health*, 11(1), 1–8.
<https://doi.org/10.1186/1471-2458-11-595>
- Kumari, R., Langer, B., Gupta, R., Gupta, R., Mir, M., Shafi, B., Kour, T., & Raina, S. (2022). Prevalence and determinants of Internet addiction among the students of professional colleges in the Jammu region. *Journal of Family Medicine and Primary Care*, 11(1), 325-333.
https://doi.org/10.4103%2Fjfmprc.jfmprc_991_21
- Kuo, P., Yang, H., Soong, W., & Chen, W. (2002). Substance use among adolescents in Taiwan: Associated personality traits, incompetence, and behavioral/emotional problems. *Drug and Alcohol Dependence*, 67(1), 27–39. [https://doi.org/10.1016/S0376-8716\(02\)00006-6](https://doi.org/10.1016/S0376-8716(02)00006-6)
- Kuss, D., & Pontes, H. (2019). Internet addiction. *Hogrefe*.
- Kuss, D. (2012). Substance and behavioral addictions: Beyond dependence. *Journal of Addiction Research & Therapy*, 6(1), 1-2. <http://dx.doi.org/10.4172/2155-6105.S6-e001>
- Langenbucher, J., Labouvie, E., Martin, C., Sanjuan, P., Bavly, L., Kirisci, L., & Chung, T. (2004). An application of item response theory analysis to alcohol, cannabis, and cocaine criteria in DSM-IV. *Journal of Abnormal Psychology*, 113(1), 72–80. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.113.1.72>
- Lapierre, M., & Zhao, P. (2022). Smartphones and social support: Longitudinal associations between smartphone use and types of support. *Social Science Computer Review*, 40(3), 831–843.
<https://doi.org/10.1177/0894439320988762>
- Lavado, E., & Calado, V. (2019). ECATD-CAD 2019. Estudo sobre os Comportamentos de Consumo de Álcool, Tabaco. *Adolescent Health*, 37(1), 19–28.
- Lavin, M., Marvin, K., Mclarney, A., Nola, V., & Scott, L. (1999). Sensation seeking and collegiate vulnerability to Internet dependence. *CyberPsychology & Behavior*, 2(5), 425–430.
<https://doi.org/10.1089/cpb.1999.2.425>
- Lau, W., & Yuen, A. (2013). Adolescents' risky online behaviours: The influence of gender, religion, and parenting style. *Computers in Human Behavior*, 29(6), 2690–2696.
<https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.07.005>
- Lee, H., & Cho, J. (2019). Social media use and well-being in people with physical disabilities: Influence of SNS and online community uses on social support, depression, and psychological disposition. *Health Communication*, 34(9), 1043–1052.
<https://doi.org/10.1080/10410236.2018.1455138>
- Lima, C., Maia, M., Magalhães, T., Oliveira, L., Reis, V., Brito, M., Pinho, L., & Silveira, M. (2017). Prevalência e fatores associados a comportamentos de risco à saúde em universitários no norte de Minas Gerais. *Cadernos Saúde Coletiva*, 25, 183–191. <https://doi.org/10.1590/1414->

[462X201700020223](#)

- Lin, S., & Tsai, C. (2002). Sensation seeking and internet dependence of Taiwanese high school adolescents. *Computers in human behavior*, 18(4), 411–426. [https://doi.org/10.1016/S0747-5632\(01\)00056-5](https://doi.org/10.1016/S0747-5632(01)00056-5)
- Liu, C., & Yu, C. (2013). Can Facebook use induce well-being?. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16(9), 674–678. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0301>
- Liu, Q., Fang, X., Zhou, Z., Zhang, J., & Deng, L. (2013). Perceived parent-adolescent relationship, perceived parental online behaviors and pathological internet use among adolescents: Gender-specific differences. *PloS One*, 8(9), 75642–75650. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0075642>
- Liu, T., & Potenza, M. (2010). Problematic Internet use. *Encyclopedia of Behavioral Neuroscience*, 1, 104–111. <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-045396-5.00176-7>
- Liu, Y., Tsai, S., Fleck, D., & Strakowski, S. (2011). Cross-cultural comparisons on Wisconsin Card Sorting Test performance in euthymic patients with bipolar disorder. *Psychiatry Research*, 189(3), 469–471. <http://dx.doi.org/10.1016/j.psychres.2011.05.038>
- Livingstone, S., & Helsper, E. (2010). Balancing opportunities and risks in teenagers' use of the internet: The role of online skills and internet self-efficacy. *New Media & Society*, 12(2), 309–329. <http://dx.doi.org/10.1177/1461444809342697>
- Lopez-Sintas, J., Lamberti, G., & Sukphan, J. (2020). The social structuring of the digital gap in a developing country. The impact of computer and internet access opportunities on internet use in Thailand. *Technology in Society*, 63, 1–19. <https://doi.org/10.1016/j.techsoc.2020.101433>
- Loree, A., Lundahl, L., & Ledgerwood, D. (2015). Impulsivity as a predictor of treatment outcome in substance use disorders: Review and synthesis. *Drug and Alcohol Review*, 34(2), 119–134. <https://doi.org/10.1111/dar.12132>
- Lozano-Madrid, M., Bryan, D., Granero, R., Sánchez, I., Riesco, N., Mallorquí-Bagué, N., Jiménez-Murcia, S., Treasure, J., & Fernández-Aranda, F. (2020). Impulsivity, emotional dysregulation and executive function deficits could be associated with alcohol and drug abuse in eating disorders. *Journal of Clinical Medicine*, 9(6), 1936–1950. <https://doi.org/10.3390/jcm9061936>
- Luijten, M., Schellekens, A., Kühn, S., Machielse, M., & Sescousse, G. (2017). Disruption of reward processing in addiction: An image-based meta-analysis of functional magnetic resonance imaging studies. *JAMA Psychiatry*, 74(4), 387–398. <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2016.3084>
- Lynam, D. (2013). Development of a short form of the UPPS-P Impulsive Behavior Scale.

Unpublished Technical Report.

- Lynam, D., Smith, G., Whiteside, S., & Cyders, M. (2006). The UPPS-P: Assessing five personality pathways to impulsive behavior. *West Lafayette, Purdue University, 10.*
- Macedo, J., Dimenstein, M., Silva, B., Sousa, H., & Costa, A. (2018). Apoio social, transtorno mental comum e uso abusivo de álcool em assentamentos rurais. *Trends in Psychology, 26*(3), 1123–1137. <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-01Pt>
- MacLaren, V., & Best, L. (2010). Multiple addictive behaviors in young adults: Student norms for the Shorter PROMIS Questionnaire. *Addictive Behaviors, 35*(3), 252–255. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2009.09.023>
- MacLaren, V., Fugelsang, J., Harrigan, K., & Dixon, M. (2011). The personality of pathological gamblers: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review, 31*(6), 1057–1067. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2011.02.002>
- Madden, M., Lenhart, A., Cortesi, S., Gasser, U., Duggan, M., Smith, A., & Beaton, M. (2013). Teens, social media, and privacy. *Pew Research Center, 21*(1055), 2–86.
- Magnan, V. (1887). *Leçons cliniques sur les maladies mentales: Considérations générales sur la folie, les héréditaires ou dégénérés, les délirants chroniques, les intermittents.* Progrès Médical.
- Mahmoud, A., Berma, A., & Gabal, S. (2017). Relationship between social support and the quality of life among psychiatric patients. *Journal of Psychiatry and Psychiatric Disorders, 1*(2), 57–75. <http://dx.doi.org/10.26502/jppd.2572-519X008>
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações.* ReportNumber, Lda.
- Masse, L., & Tremblay, R. (1997). Behavior of boys in kindergarten and the onset of substance use during adolescence. *Archives of General Psychiatry, 54*(1), 62–68. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.1997.01830130068014>
- Matos, M., Gaspar, T., Guedes, F., Tomé, G., & Branquinho, C. (2019). Os adolescentes portugueses, a internet e as dependências tecnológicas. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente, 10*(1), 173–185. <http://hdl.handle.net/11067/4977>
- McCloskey, M., New, A., Siever, L., Goodman, M., Koenigsberg, H., Flory, J., & Coccaro, E. (2009). Evaluation of behavioral impulsivity and aggression tasks as endophenotypes for borderline personality disorder. *Journal of Psychiatric Research, 43*(12), 1036–1048. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jpsychires.2009.01.002>
- McCrary, B., Zucker, R., Molina, B., Ammon, L., Ames, G., & Longabaugh, R. (2006). Social environmental influences on the development and resolution of alcohol problems. *Alcoholism:*

- Clinical and Experimental Research*, 30(4), 688–699. <https://doi.org/10.1111/j.1530-0277.2006.00080.x>
- Melo, J. M. (2001). O alcoolismo no universo TEEN: Mídia e saúde. *Universidade Metodista*, 747–766.
- Mendes, I., & Silva, I. (2017). Uso problemático da internet em adultos: Que relação com sintomas clínicos?. *Revista De Estudios E Investigación En Psicología Y Educación*, 129-133. <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.13.2565>
- Micheli, D., Andrade, A., Reichert, R., Pinheiro, B., da Silva, E., & Lopes, F. (2021). *Aspectos comportamentais, neurobiológicos e psicossociais do uso e dependência de drogas*. Editora CRV.
- Moeller, F., Barratt, E., Dougherty, D., Schmitz, J., & Swann, A. (2001). Psychiatric aspects of impulsivity. *American Journal of Psychiatry*, 158(11), 1783–1793. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychires.2009.01.002>
- Monterosso, J., & Ainslie, G. (1999). Beyond discounting: Possible experimental models of impulse control. *Psychopharmacology*, 146(4), 339–347. <https://doi.org/10.1007/PL00005480>
- Mo, P., Chan, V., Chan, S., & Lau, J. (2018). The role of social support on emotion dysregulation and Internet addiction among Chinese adolescents: A structural equation model. *Addictive Behaviors*, 82, 86-93. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2018.01.027>
- Moral, M., & Suárez, C. (2016). Factores de riesgo en el uso problemático de Internet y del teléfono móvil en adolescentes españoles. *Revista Iberoamericana de Psicología y Salud*, 7(2), 69-78. <https://doi.org/10.1016/j.rips.2016.03.001>
- Moreno, M., Kelleher, E., Ameenuddin, N., & Rastogi, S. (2014). Young adult females' views regarding online privacy protection at two time points. *Journal of Adolescent Health*, 55(3), 347–351. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.03.005>
- Muñoz-Rivas, M., Fernández, L., & Gámez-Guadix, M. (2010). Analysis of the indicators of Pathological Internet use in Spanish university students. *The Spanish Journal of Psychology*, 13(2), 697–707. <https://doi.org/10.1017/S1138741600002365>
- Nick, E., Cole, D., Cho, S., Smith, D., Carter, T., & Zelkowitz, L. (2018). The Online Social Support Scale: Measure development and validation. *Psychological Assessment*, 30(9), 1127–1143. <https://doi.org/10.1037/pas0000558>
- Noguti, V., Singh, S., & Waller, D. (2019). Gender differences in motivations to use social networking sites. *Gender Considerations in Online Consumption Behavior and Internet Use*, 32, 680–695.
- Notten, N., & Nikken, P. (2016). Boys and girls taking risks online: A gendered perspective on social

- context and adolescents' risky online behavior. *New Media & Society*, 18(6), 966–988.
<https://doi.org/10.1177/1461444814552379>
- O'Brien, C., Volkow, N., & Li, T. (2006). What's in a word? Addiction versus dependence in DSM-V. *American Journal of Psychiatry*, 163(5), 764–765.
<http://dx.doi.org/10.1176/ajp.2006.163.5.764>
- OfCom (2008). *Social networking – A quantitative research report into attitudes, behaviours and use*. OfCom Office of Communications.
- Osborne, J. (2014). *Best practices in exploratory factor analysis*. CreateSpace Independent Publishing Platform.
- Ouzir, M., & Errami, M. (2016). Etiological theories of addiction: A comprehensive update on neurobiological, genetic and behavioural vulnerability. *Pharmacology Biochemistry and Behavior*, 148, 59–68. <https://doi.org/10.1016/j.pbb.2016.06.005>
- Paim, M. (2009). Alcoolismo: Um alerta aos jovens. *Missão jovem: Renova-se a esperança. Atualidades, ano XXVII*.
- Panesar, B., Rosic, T., Rodrigues, M., Sanger, N., Baptist-Mohseni, N., Hillmer, A., & Samaan, Z. (2021). The role of perceived social support in the association between stressful life events and suicidal behavior. *Frontiers in Psychiatry*, 12, 1562–1571.
<https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.699682>
- Pape, H., Rossow, I., & Brunborg, G. (2018). Adolescents drink less: How, who and why? A review of the recent research literature. *Drug and Alcohol Review*, 37, 98–114.
<https://doi.org/10.1111/dar.12695>
- Parajuli, B. (2022). Increased internet addiction during COVID-19 pandemics. *Life Research*, 5(1), 10–13.
- Pardal, L., & Lopes, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal.
- Patrão, I., Reis, J., Madeira, L., Paulino, M., Barandas, R., Sampaio, D., & Carmenates, S. (2016). Avaliação e intervenção terapêutica na utilização problemática da internet (UPI) em jovens: Revisão da literatura. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 7(1-2), 221–243.
<https://doi.org/10.34628/0e68-w454>
- Pechansky, F., Szobot, C., & Scivoletto, S. (2004). Alcohol use among adolescents: Concepts, epidemiological characteristics and etiopatogenic factors. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 26, 14–17. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462004000500005>
- Pechorro, P., Oliveira, J., Gonçalves, R., & Jesus, S. (2018). Propriedades psicométricas de uma versão reduzida da Escala de Impulsividade de Barratt-11 numa amostra escolar de adolescentes portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación e Avaliação*

- Psicológica*, 2(47), 157–170. <https://doi.org/10.21865/RIDEP47.2.11>
- Pechorro, P., Revilla, R., Palma, V., Nunes, C., Martins, C., & Cyders, M. (2021). Examination of the SUPPS-P Impulsive Behavior Scale among male and female youth: Psychometrics and invariance. *Children*, 8(4), 283–295. <https://doi.org/10.3390/children8040283>
- Petry, N., & Weiss, L. (2009). Social support is associated with gambling treatment outcomes in pathological gamblers. *American Journal on Addictions*, 18(5), 402–408. <https://doi.org/10.3109/10550490903077861>
- Pereira, V., & Dias, P. (2018). Atitudes e consumo de cannabis em estudantes do ensino geral e vocacional. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 19(3), 535–549. <http://dx.doi.org/10.15309/18psd190306>
- Pérez, E., de León, J., Mota, G., Luque, M., Aguilar, J., Alonso, S., & García, C. (2017). Tecnologías de la Información y la Comunicación (TIC): Abuso de Internet, videojuegos, teléfonos móviles, mensajería instantánea y redes sociales mediante el MULTICAGE-TIC. *Adicciones*, 30(1), 19–32. <https://doi.org/10.20882/adicciones.806>
- Pérez, F., & Martín, I. (2007). *Nuevas adicciones; adicciones nuevas*. Intermedio Ediciones.
- Poli, R., & Agrimi, E. (2012). Internet addiction disorder: Prevalence in an Italian student population. *Nordic Journal of Psychiatry*, 66(1), 55–59. <https://doi.org/10.3109/08039488.2011.605169>
- Ponte, C., & Batista, S. (2019). Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos). *EU KidsOnline e NOVA FCSH*.
- Pontes, H., Caplan, S., & Griffiths, M. (2016). Psychometric validation of the generalized problematic Internet use scale 2 in a Portuguese sample. *Computers in Human Behavior*, 63, 823–833. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.06.015>
- Portugal. Assembleia da República. Lei n.º 30/2000 de 29 de novembro de 2000. Define o regime jurídico aplicável ao consumo de estupefacientes e substâncias psicotrópicas, bem como a proteção sanitária e social das pessoas que consomem tais substâncias sem prescrição médica. Diário da República, n.º 276, Série I-A, 6829–6833.
- Potenza, M. (2014). Non-substance addictive behaviors in the context of DSM-5. *Addictive behaviors*, 39(1), 1–2. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2013.09.004>
- Potenza, M. (2018). Searching for replicable dopamine-related findings in gambling disorder. *Biological Psychiatry*, 83(12), 984–986. <https://doi.org/10.1016/j.biopsych.2018.04.011>
- Poulton, A., & Hester, R. (2019). Transition to substance use disorders: Impulsivity for reward and learning from reward. *Social Cognitive and Affective Neuroscience*, 15(10), 1182–1191. <https://doi.org/10.1093/scan/nsz077>

- Prisciandaro, J., Korte, E., McRae-Clark, A., & Brady, K. (2012). Associations between behavioral disinhibition and cocaine use history in individuals with cocaine dependence. *Addictive Behaviors*, 37(10), 1185–1188. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2012.05.015>
- Proetti, S. (2018). As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. *Revista Lumen-ISSN*, 2(4), 10-21. <https://doi.org/10.32459/revistalumen.v2i4.60>
- Pujazon-Zazik, M., & Park, M. (2010). To tweet, or not to tweet: Gender differences and potential positive and negative health outcomes of adolescents' social internet use. *American Journal of Men's Health*, 4(1), 77–85. <https://doi.org/10.1177/1557988309360819>
- Ranney, J., & Troop-Gordon, W. (2020). The role of popularity and digital self-monitoring in adolescents' cyberbehaviors and cybervictimization. *Computers in Human Behavior*, 102, 293–302. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.08.023>
- Real, M., & Algar, M. (2018). Hikikomori: El síndrome de aislamiento social juvenil. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, 38(133), 115–129. <https://dx.doi.org/10.4321/s0211-57352018000100006>
- Rehm, J., & Parry, C. (2009). Alcohol consumption and infectious diseases in South Africa. *The Lancet*, 374(9707), 2053–2061. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(09\)62150-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(09)62150-4)
- Ribeiro, J. (1999). *Escala de satisfação com o suporte social (ESSS)*. *Análise Psicológica*, 3(17), 547-558.
- Rodríguez-de-Dios, I., Van Oosten, J., & Igartua, J. (2018). A study of the relationship between parental mediation and adolescents' digital skills, online risks and online opportunities. *Computers in Human Behavior*, 82, 186–198. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.01.012>
- Romer, D. (2010). Adolescent risk taking, impulsivity, and brain development: Implications for prevention. *Developmental Psychobiology*, 52(3), 263–276. <https://doi.org/10.1002/dev.20442>
- Ronzani, T. (2008). Padrão de uso de álcool entre pacientes da atenção primária à saúde: Estudo comparativo. *Revista de APS*, 11(2), 163–163.
- Rosenberg, K., & Feder, L. (Eds.). (2014). *Behavioral addictions: Criteria, evidence, and treatment*. Academic Press.
- Rose, P., & Segrist, D. (2014). Negative and positive urgency may both be risk factors for compulsive buying. *Journal of Behavioral Addictions*, 3(2), 128–132. <https://doi.org/10.1556/jba.3.2014.011>
- Sánchez-Sarmiento, P., Giraldo-Huertas, J., & Quiroz-Padilla, M. (2013). Impulsividade: Uma visão a partir de neurociência comportamental e psicologia do desenvolvimento. *Avances en*

- Psicologia Latinoamericana*, 31(1), 241–251.
- Saraiva, C. (2012). *Determinantes do comportamento de compra online* (Doctoral dissertation). Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa.
- Sasson, H., & Mesch, G. (2016). Gender differences in the factors explaining risky behavior online. *Journal of Youth and Adolescence*, 45, 973–985. <https://doi.org/10.1007/s10964-016-0465-7>
- Scheffer, M., & de Almeida, R. (2010). Consumo de álcool e diferenças entre homens e mulheres: Comportamento impulsivo, aspectos cognitivos e neuroquímicos. *Neuropsicologia Latinoamericana*, 2(3) 52-63.
- Shaffer, H., LaPlante, D., LaBrie, R., Kidman, R., Donato, A., & Stanton, M. (2004). Toward a syndrome model of addiction: Multiple expressions, common etiology. *Harvard Review of Psychiatry*, 12(6), 367–374. <http://dx.doi.org/10.1080/10673220490905705>
- Sharma, L., Markon, K., & Clark, L. (2014). Toward a theory of distinct types of “impulsive” behaviors: A meta-analysis of self-report and behavioral measures. *Psychological Bulletin*, 140(2), 374–408. <https://doi.org/10.1037/a0034418>
- Shaw, M., & Black, D. (2008). Internet addiction: Definition, assessment, epidemiology and clinical management. *CNS Drugs*, 22, 353–365. <https://doi.org/10.2165/00023210-200822050-00001>
- SICAD (2022). *Enquadramento epidemiológico: Situação Nacional*. Serviço de Intervenção nos Comportamentos e nas Dependências.
- SICAD (2020c). Comportamentos aditivos em tempos de COVID-19: Internet & Videojogos, alguns resultados 2020.
- SICAD (2020a). Relatório Anual 2019. A situação do país em matéria de álcool (SICAD: Coleção Relatórios). SICAD.
- SICAD (2020b). Relatório Anual 2019. A situação do país em matéria de substâncias e toxicodependências (SICAD: Coleção Relatórios). SICAD.
- SICAD (2021). Sinopse 2019- Substâncias ilícitas. Serviço de Intervenção nos Comportamentos e nas Dependências. Retirado de <http://www.sicad.pt/> em 10 de janeiro de 2022.
- Siqueira, M. (2008). Construção e validação da escala de percepção de suporte social. *Psicologia em Estudo*, 13, 381–388. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200021>
- Smith, G., & Cyders, M. (2016). Integrating affect and impulsivity: The role of positive and negative urgency in substance use risk. *Drug and Alcohol Dependence*, 163(1), 3–12. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2015.08.038>
- Soares, H., Gonçalves, H., & Werner Junior, J. (2010). Cérebro e o uso de substâncias na infância e adolescência. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(3), 639–641. <https://doi.org/10.1590/S1984->

[02922010000900013](https://doi.org/10.1000900013)

- Soares, R. (2006). O álcool e o cérebro dos jovens: As novas e assustadoras descobertas da ciência sobre o abuso precoce da bebida. *Revista Veja*, 48, 96–104.
- Stacy, A., Ames, S., & Knowlton, B. (2004). Neurologically plausible distinctions in cognition relevant to drug use etiology and prevention. *Substance Use & Misuse*, 39(10–12), 1571–1623. <https://doi.org/10.1081/JA-200033204>
- Stafford, T., Turan, A., & Raisinghani, M. (2004). International and cross-cultural influences on online shopping behavior. *Journal of Global Information Technology Management*, 7(2), 70–87.
- Stanford, M., Mathias, C., Dougherty, D., Lake, S., Anderson, N., & Patton, J. (2009). Fifty years of the Barratt Impulsiveness Scale: An update and review. *Personality and Individual Differences*, 47(5), 385–395. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2009.04.008>
- Starcevic, V., & Aboujaoude, E. (2017). Internet addiction: Reappraisal of an increasingly inadequate concept. *CNS Spectrums*, 22(1), 7–13. <https://doi.org/10.1017/S1092852915000863>
- Steelandt, S., Thierry, B., Broihanne, M., & Dufour, V. (2012). The ability of children to delay gratification in an exchange task. *Cognition*, 122(3), 416–425. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2011.11.009>
- Stoltenberg, S., Batién, B., & Birgenheir, D. (2008). Does gender moderate associations among impulsivity and health-risk behaviors?. *Addictive Behaviors*, 33(2), 252–265. <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2007.09.004>
- Strauch, E., Pinheiro, R., Silva, R., & Horta, B. (2009). Uso de álcool por adolescentes: Estudo de base populacional. *Revista de Saúde Pública*, 43(4), 647–655. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102009005000044>
- Sussman, S., Leventhal, A., Bluthenthal, R., Freimuth, M., Forster, M., & Ames, S. (2011). A framework for the specificity of addictions. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 8(8), 3399–3415. <https://doi.org/10.3390/ijerph8104025>
- Swann, A., Bjork, J., Moeller, F., & Dougherty, D. (2002). Two models of impulsivity: Relationship to personality traits and psychopathology. *Biological Psychiatry*, 51(12), 988–994. [https://doi.org/10.1016/S0006-3223\(01\)01357-9](https://doi.org/10.1016/S0006-3223(01)01357-9)
- Su, W., Han, X., Yu, H., Wu, Y., & Potenza, M. N. (2020). Do men become addicted to internet gaming and women to social media? A meta-analysis examining gender-related differences in specific internet addiction. *Computers in Human Behavior*, 113, 1–23. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106480>
- Tavares, H., & Alarcão, G. (2008). Psicopatologia da impulsividade. *Manual Clínico dos*

Transtornos do Controle dos Impulsos, 19–36.

- Thege, B., Horwood, L., Slater, L., Tan, M. C., Hodgins, D., & Wild, T. (2017). Relationship between interpersonal trauma exposure and addictive behaviors: A systematic review. *BMC Psychiatry*, 17(1), 1–17. <https://doi.org/10.1186/s12888-017-1323-1>
- Thomas, A., Sullivan, G., & Allen, F. (2009). A theoretical model of EGM problem gambling: More than a cognitive escape. *International Journal of Mental Health and Addiction*, 7, 97–107. <https://doi.org/10.1007/s11469-008-9152-6>
- Tidwell, L., & Walther, J. (2002). Computer-mediated communication effects on disclosure, impressions, and interpersonal evaluations: Getting to know one another a bit at a time. *Human Communication Research*, 28(3), 317–348. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2958.2002.tb00811.x>
- Tiffany, S. (1990). A cognitive model of drug urges and drug-use behavior: Role of automatic and nonautomatic processes. *Psychological Review*, 97(2), 147–153. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.97.2.147>
- Tran, B., Huong, L., Hinh, N., Nguyen, L., Le, B., Nong, V., & Ho, R. (2017). A study on the influence of internet addiction and online interpersonal influences on health-related quality of life in young Vietnamese. *BMC Public Health*, 17(1), 1–8. <https://doi.org/10.1186/s12889-016-3983-z>
- Tucker, M. (1982). Social support and coping: Applications for the study of female drug abuse. *Journal of Social Issues*, 38(2), 117–137. <https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2016.10.012>
- Valkenburg, P., & Peter, J. (2007). Online communication and adolescent wellbeing: Testing the stimulation versus the displacement hypothesis. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 12(4), 1169–1182. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00368.x>
- Vasconcelos-Raposo, J., Couto, S., Formiga, N., & Teixeira, C. (2018). Consumo de canábis: Craving e a relação com ansiedade, stresse e depressão. *Actualidades en Psicología*, 32(125), 1–18. <http://dx.doi.org/10.15517/ap.v32i125.28380>
- Verdejo-García, A., Lawrence, A., & Clark, L. (2008). Impulsivity as a vulnerability marker for substance-use disorders: Review of findings from high-risk research, problem gamblers and genetic association studies. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 32(4), 777–810. <https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2007.11.003>
- Vieira, D., Ribeiro, M., Romano, M., & Laranjeira, R. (2007). Alcohol and adolescents: Study to implement municipal policies. *Revista de Saúde Pública*, 41(3), 396–403. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102006005000022>
- Vivas, P., Torres, A., Herrero, J., & Urueña, A. (2019). Smartphone addiction and social support: A

- three-year longitudinal study. *Psychosocial Intervention*, 28(3), 111–118.
<https://doi.org/10.5093/pi2019a6>
- Vivas, P., & Torres, F. (2011). Internet y pánico moral: Revisión de la investigación sobre la interacción de niños y jóvenes con los nuevos medios. *Universitas Psychologica*, 10(3), 855–865.
- Wang, H., Zhou, X., Lu, C., Wu, J., Deng, X., & Hong, L. (2011). Problematic internet use in high school students in Guangdong Province, China. *PloS One*, 6(5), 19660–19669.
<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0019660>
- Wang, Y., Zhao, Y., Xie, S., Wang, X., Chen, Q., & Xia, X. (2019). Resilience mediates the relationship between social support and quality of life in patients with primary glaucoma. *Frontiers in Psychiatry*, 10-18. <https://doi.org/10.3389/fpsyt.2019.00022>
- Wardle, H. (2019). Perceptions, people and place: Findings from a rapid review of qualitative research on youth gambling. *Addictive Behaviors*, 90, 99–106.
<https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2018.10.008>
- Wartberg, L., Kriston, L., & Kammerl, R. (2017). Associations of social support, friends only known through the internet, and health-related quality of life with internet gaming disorder in adolescence. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 20(7), 436–441.
<https://doi.org/10.1089/cyber.2016.0535>
- Westermeyer, J., & Boedicker, A. (2000). Course, severity, and treatment of substance abuse among women versus men. *The American Journal of Drug and Alcohol Abuse*, 26(4), 523–535.
<https://doi.org/10.1081/ADA-100101893>
- Wetterneck, C., Burgess, A., Short, M., Smith, A., & Cervantes, M. (2012). The role of sexual compulsivity, impulsivity, and experiential avoidance in internet pornography use. *The Psychological Record*, 62, 3–18. <https://doi.org/10.1007/BF03395783>
- White, C., Gummerum, M., & Hanoch, Y. (2015). Adolescents' and young adults' online risk taking: The role of gist and verbatim representations. *Risk Analysis*, 35(8), 1407–1422.
<https://doi.org/10.1111/risa.12369>
- Whiteside, S., & Lynam, D. (2001). The five factor model and impulsivity: Using a structural model of personality to understand impulsivity. *Personality and Individual Differences*, 30(4), 669–689. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(00\)00064-7](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(00)00064-7)
- Wiers, R., Ames, S., Hofmann, W., Krank, M., & Stacy, A. (2010). Impulsivity, impulsive and reflective processes and the development of alcohol use and misuse in adolescents and young adults. *Frontiers in Psychology*, 1, 144–150. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2010.00144>
- Wit, H. (2009). Impulsivity as a determinant and consequence of drug use: A review of underlying

- processes. *Addiction Biology*, 14(1), 22–31. <https://doi.org/10.1111/j.1369-1600.2008.00129.x>
- Wolak, J., Finkelhor, D., Mitchell, K., & Ybarra, M. (2010). Online “predators” and their victims: Myths, realities, and implications for prevention and treatment. *Psychology of Violence*, 1(1), 13–35. <https://doi.org/10.1037/2152-0828.1.S.13>
- World Health Organization. (2019). *The ICD-11 Classification of Mental and Behavioral Disorders: Diagnostic Criteria for Research*. World Health Organization.
- Xin, M., Xing, J., Pengfei, W., Houru, L., Mengcheng, W., & Hong, Z. (2018). Online activities, prevalence of Internet addiction and risk factors related to family and school among adolescents in China. *Addictive Behaviors Reports*, 7, 14–18. <https://doi.org/10.1016/j.abrep.2017.10.003>
- Yang, B., & Lester, D. (2004). Attitudes toward buying online. *CyberPsychology & Behavior*, 7(1), 85–91. <https://doi.org/10.1089/109493104322820156>
- Yoon, E., Choi, J., Kim, H., Sohn, B., Jung, H., Lee, J., & Kim, Y. (2017). Altered hippocampal volume and functional connectivity in males with Internet gaming disorder comparing to those with alcohol use disorder. *Scientific Reports*, 7(1), 1–12. <https://doi.org/10.1038/s41598-017-06057-7>
- Young, K. (1998). Internet addiction: The emergence of a new clinical disorder. *Cyberpsychology & Behavior*, 1, 237–244. <https://doi.org/10.1089/cpb.1998.1.237>
- Žardeckaitė-Matulaitienė, K., & Paluckaitė, U. (2016). Students’ engagement in risky online behaviour: The comparison of youth and secondary schools’. *Health & Health Psychology*. 266–273. <https://doi.org/10.15405/EPsBS.2016.07.02.26>.
- Zakariaeiz, Y., & Potenza, M. (2018). Gender-related differences in addiction: A review of human studies. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 23, 171–175. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2018.08.004>
- Zhang, Y., Mei, S., Li, L., Chai, J., Li, J., & Du, H. (2015). The relationship between impulsivity and internet addiction in Chinese college students: A moderated mediation analysis of meaning in life and self-esteem. *PloS One*, 10(7), 32–46. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0131597>
- Zhao, C., Xu, H., Lai, X., Yang, X., Tu, X., Ding, N., & Zhang, G. (2021). Effects of online social support and perceived social support on the relationship between perceived stress and problematic smartphone usage among Chinese undergraduates. *Psychology Research and Behavior Management*, 14, 529–534. <https://doi.org/10.2147/PRBM.S302551>
- Zou, Z., Wang, H., d’Oleire Uquillas, F., Wang, X., Ding, J., & Chen, H. (2017). Definition of substance and non-substance addiction. *Substance and Non-substance Addiction*, 21–41.

https://doi.org/10.1007/978-981-10-5562-1_2

Anexos

Anexo A – Questionário sociodemográfico

1. Sexo _____

2. Idade _____

3. Estado civil:

Solteiro(a) _____ Casado(a) _____ União de facto _____

Divorciado (a) _____ Viúvo(a) _____

4. Situação profissional:

Estudante _____ Trabalhador _____ Trabalhador-Estudante _____

4.1 Se selecionou trabalhador ou trabalhador-estudante especifique a profissão

4.2 Se selecionou estudante especifique o curso _____

4.2.1 Instituição de ensino _____

Anexo B – Consentimento Informado

Caros participantes,

A presente investigação insere-se no âmbito de uma dissertação de mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, na Universidade Católica Portuguesa, Centro Regional de Braga, sob a orientação do Professor Doutor Paulo Dias. Visa analisar a relação entre comportamentos de risco online com fatores que a literatura refere como determinantes. Para o sucesso da investigação, vimos, por este meio, solicitar a sua colaboração, através da resposta ao presente inquérito.

Condições de Participação:

- Idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos.

Vantagens ligadas à participação:

- Não existem benefícios relevantes para as pessoas que participem neste estudo.

Potenciais Riscos:

- Não são conhecidos quaisquer riscos para as pessoas que participem neste estudo.

Liberdade de Participação:

- A participação nesta investigação é voluntária e livre. Deste modo, em qualquer momento poderá retirar o seu consentimento, sem nenhuma consequência para si.

Caráter Confidencial:

- O anonimato e a confidencialidade dos dados serão absolutamente garantidos, assim é-lhe garantido que qualquer informação obtida durante o estudo será confidencial e anónima. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação científica, analisados de forma conjunta, anónima e confidencial.

Responsabilidade dos Investigadores:

- Ao aceitar este formulário de consentimento, não renuncia a nenhum dos seus direitos previstos pela lei.

Questões sobre o estudo:

Para qualquer informação que considere pertinente poderá contactar a investigadora Cláudia Henriques, através do email: (claudia_25-2000@hotmail.com)

Não existem respostas certas ou erradas; apenas interessa a sua perspetiva sobre o fenómeno em estudo.

Reconhecidamente, agradeço a sua disponibilidade de colaboração para esta investigação.

Com os melhores cumprimentos,

Cláudia Henriques

Anexo C – Cronograma

Tarefa	Data
Parte teórica	Dezembro
Parte metodológica	Fevereiro
Implementação dos instrumentos	Março-Julho
Análise dos resultados	Agosto-Outubro
Discussão e conclusão	Novembro-Janeiro